N.º 19 ☆ 10-5-51
Cr$ 3,00
em todo o Brasil

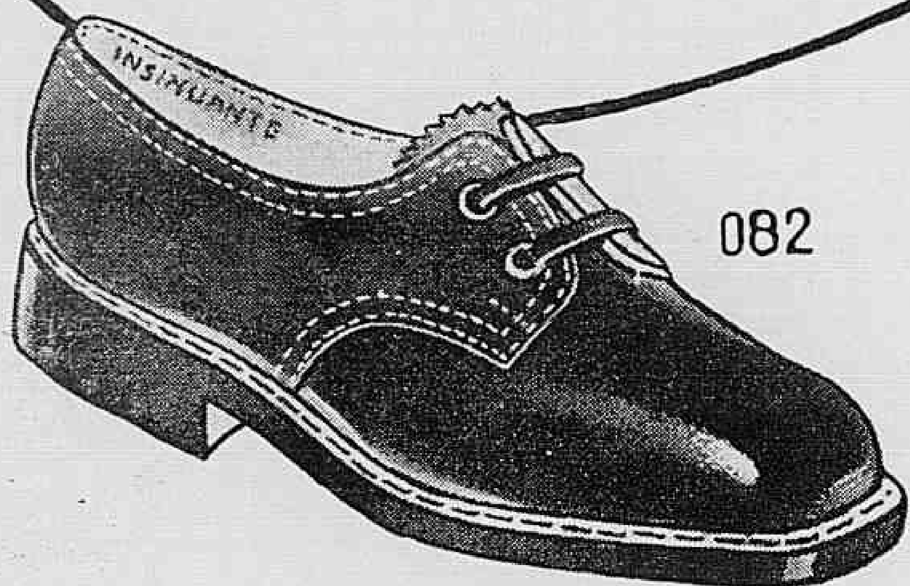
A CENA muda

CINEMA
RÁDIO
MÚSICA
NOVIDADES



Mande os seus filhos á ESCOLA!









082 — Cr$ 145,00. Ótimo sapato tipo normalista com saltos de borracha e cordonetes de couro. Numeração de 31 a 40.

083 — Cr$ 90,00, Cr$ 100,00 e Cr$ 135,00, respectivamente de 28 a 32 — 32 a 36 — 37 a 41. Resistente sapato para meninos, rapazes e homens em ótima vaqueta com chapas na biqueira.

084 — Cr$ 90,00, Cr$ 100,00 e Cr$ 120,00, respectivamente de 28 a 32 — 33 a 36 — 37 a 40. Um sapato 100 % escolar com chapas na biqueira. Forte e resistente.

Cada par de sapatos tem uma surpreza para os seus filhos.

Remetemos para todo o Brasil. Porte Cr$ 5,00 (cinco cruzeiros) Não fazemos reembolso

CARIOCA, 46-48
SETE SETEMBRO, 199-201

É insinuante

é a maior e melhor sapataria da America Latina e é tambem uma galeria á sua disposição com agua geladinha sempre ás suas ordens.



A CAUSA

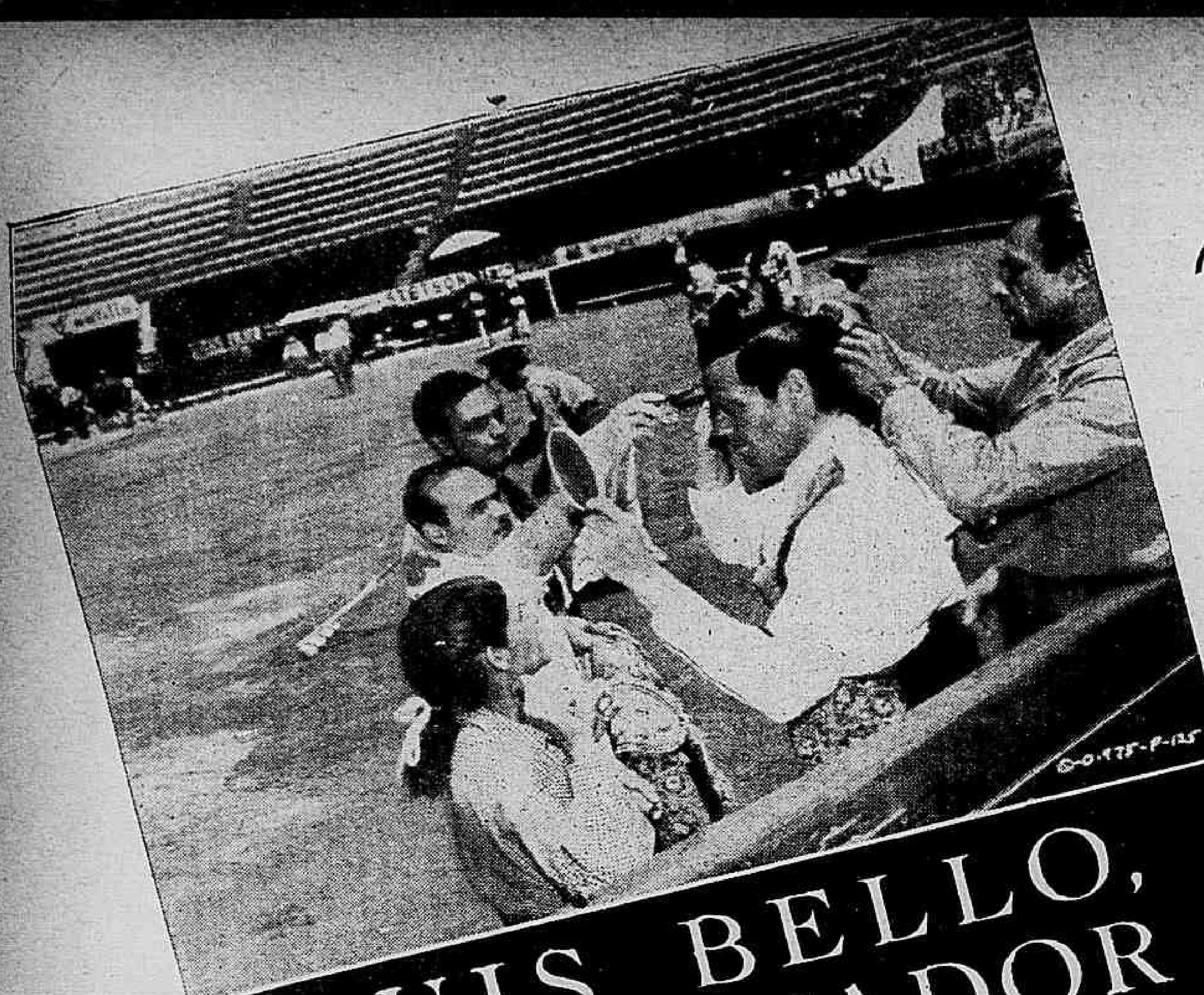


O EFEITO

Ultimo divórcio?

ED C. Judson, rico industrial de gasolina, foi o primeiro marido de Rita Hayworth. Tudo parecia correr normalmente, até que a noticia pegou fogo e alastrou-se pelo mundo inteiro: separaram-se. Talvez Rita, com o calor de seu corpo, fôsse um sério perigo para os negócios de seu marido, que corria o risco constante de incendiar seus poços de petróleo. Não tardou muito para que Orson Welles entrasse em cena. Apaixonaram-se. Welles, revolucionário da técnica cinematográfica, descobriu em Rita possibilidades fantásticas de criar novas angulações, novos enquadramentos para a sua câmara milagrosa. Casaram-se. De seus estudos minuciosos, nasceu Rebeca, uma robusta menina que nem sequer chegou a conhecer seu pai direito. Apesar dos boatos em contrário, Rita afastava-se cada vez mais da câmara de Welles, até ficar fora de foco. Assinaram alguns papéis para a legalização da situação diante da sociedade e dos jornais. Somas fabulosas foram gastas em estudos sôbre a personalidade de Rita, uma mulher extremamente bonita, extremamente vistosa, extremamente interessada em publicidade. E tudo que puderam concluir é que Rita era uma mulher extremamente. Entrevistas, fotógrafos, poses, filmes, filmes, filmes. Houve um iato em sua carreira matrimonial. Rita parecia decidida a dedicar-se exclusivamente ao cinema. E a Columbia não poupou as suas tintas para colorir seus filmes que eram, diga-se, um atestado seguro de bilheteria. Os produtores esfregaram as mãos de contentes. Mas não demorou muito. As trombetas ergueram-se num toque violento, anunciando a chegada do Principe Ali Khan, filho do multimilionário Aga Khan. Realizou-se, assim, o terceiro casamento de Rita — o mais imponente e mais escandaloso já realizado na história do cinema. Rita deixaria o artificialismo dos estúdios para enfrentar o cenário natural de um luxo real e sólido, tão sólido como a sua situação de Princesa. Sua popularidade crescia. E seu nome também: Princesa Rita Judson Welles Ali Khan Hayworth! Finalmente, a estrêla abandonou definitivamente o cinema. Mas, por ironia do destino, haveria de ocupar ininterruptamente, e com predominância, os jornais cinematográficos. Seu galã era invariàvelmente o seu espôso e isso parecia entediar a jovem, cada vez mais linda e cada vez mais sedutora. Sentia saudades de seus amôres ficticios, se quisermos interpretar que seus amôres fora da tela sejam reais. Com o nascimento de um filho, o público sentia que Rita era cada vez menos artista e mais mãe. Puro engano, Rita estava tornando-se em verdade, mais Rita do que nunca. O Hayworth de seu nome não haveria de a abandonar tão cedo. Fervia em suas veias o sangue de uma artista. Ou quase isso. Talvez — quem sabe? — estivesse representando fora da tela. E com muito mais naturalidade do que no cinema. Mas a fita estava tornando-se longa demais. Os "takes" eram muito repetidos, as cenas sempre as mesmas — e não havia a possibilidade de cortes. Ali Khan achava que tôdas as seqüências deviam figurar em seu "carnet" de Princesa. Rita cansou-se. Exatamente como esperávamos. Pediu divórcio, alegando que chegara à conclusão de que aspirava uma vida pacata e feliz para ela e para suas filhas, o que não lhe era possivel ao lado de seu espôso, cujas obrigações sociais e seus interêsses tão diversos tornavam impossivel a espécie de lar que desejava ter. O futuro de suas filhas seria a sua única preocupação. Aos 31 anos de idade, Rita raciocinava como uma verdadeira mãe. Mas estaria certa esta sua atitude? Pretendia, realmente, levar a cabo seu intento? Rita Hayworth continua sendo um paradoxo: abandonara antes sua carreira cinematográfica pelo matrimônio; hoje abandona o lar pelo cinema, fazendo crer que não sairá tão cedo dêsse circulo vicioso que a envolve, pois,, segundo os últimos telegramas, Rita partiu para Hollywood a fim de assinar um contrato com um estúdio. Mas, efetivamente, Rita progrediu e já está raciocinando mais como mulher. Os tempos mudaram muito. Se antes, entre um casamento e outro, Rita fazia três ou quatro filmes, agora, ao que parece, de filme para filme realizará três ou quatro casamentos...

l e o n e l i a c h a r



LUIS BELLO, EL MATADOR

MEL Ferrer é, em verdade, um artista de múltiplos talentos. Bailarino, ator, escritor, diretor, tem-se distinguido em tôdas essas atividades e obtido grandes êxitos em Nova York e Hollywood. Atualmente divide o seu tempo como ator e diretor e julga que êsses ramos da arte de representar se completam. Ao que parece Mel Ferrer tem razão, como ficou amplamente demonstrado ao ser escolhido por Robert Rossen, o famoso produtor-diretor da Colúmbia, para o papel de Luis Bello, "El Matador", que é a figura central da versão cinematográfica de uma novela célebre — "Touros Bravos" (The Brave Bulls), de Tom Lea. Ferrer nasceu em Elberon, Nova Jersey, filho do sr. José Ferrer e sua espôsa, de avoengos cubanos. Tempos depois a família mudou-se para Nova York onde Mel cresceu e educou-se. Depois de graduado pela Escola Preparatória de Canterbury ingressou, em 1935, na Universidade de Princeton, onde estêve dois anos e obteve um prêmio como dramaturgo. Êsse prêmio decidiu Mel a dedicar-se à Literatura. Abandonou a Universidade e foi-se para o México, onde permaneceu um ano. Durante êsse tempo tentou inùtilmente transformar o seu drama em novela. Em todo o caso, o tempo não foi perdido, pois lhe serviu o conhecimento que tem do México para o maior brilho de sua "performance" como Luis Bello em "Touros Bravos". E também escreveu um livro para crianças intitulado "Os Chapéus de Tito" que Doubleday editou e foi um sucesso de livraria. E desde então firmou contrato com a casa editôra. Stephen Daye, de Vermont. Há muitos anos que Mel Ferrer passa os verões com a "Cod Cape Playhouse", em Denis Mass. Trabalha com essa companhia teatral sempre que é possível. Suas primeiras apresentações na Broadway foram como bailarino, em "You'll Never Know", de Cole Porter, e "Everywhere I Roam", de Marc Connelly. Permaneceu na Broadway dois anos, tendo passado a fazer os principais papéis juvenis de "Kind Lady" e "Cue for Passion", dois grandes êxitos. Mais tarde abandonou o teatro pelo rádio. Começou como locutor numa pequena estação e acabou como produtor-diretor da NBC, em Manhattan, incluindo no seu cartel espetáculos tais como "Land of the Free", "Hit Parade" e os "shows" de Hildegarde.Em 1945 a Colúmbia o contratou como diretor de cinema. Dirigiu em ollywood "The Girl of the Limberlost", que aqui foi exibido com o nome de "Elnora", e depois voltou para a Broadway para encarregar-se do principal papel de "Strange Fruit", peça dirigida pelo grande ator José Ferrer, com o qual, diga-se de passagem, não tem o menor parentesco, Na temporada seguinte Mel dirigiu José em "Cyrano de Bergerac", brilhante apresentação do imortal poema de Rostan. David Selznick o contratou como ator, produtor e diretor. Foi emprestado a John Ford para o auxiliar em "O Fugitivo" e a Howard Hawks para "Vendetta". Em seguida, trabalhando independentemente, passou alguns meses em Nova Inglaterra estrelando "Fronteiras Perdidas" (Lost Boundaries), magnífico filme de Louis de Rochemont, de intenso conteúdo humano e muito justamente considerado entre os melhores filmes de 1949. Trabalhou depois ao lado de Joan Fontaine na comédia "Bed of Roses", da RKO, e dirigiu o filme "The Secret Fury". Seu mais recente trabalho é o papel de Luis Bello nesse formidável "Touros Bravos", de Robert Rossen, que será apresentado pela Colúmbia.

★

Mel Ferrer vive com sua espôsa Frances Pilchard e seus filhos Pepa, de 8 anos, e Mark, de 5 anos, em uma casa de estilo moderno em Pacific Palisades, perto do mar. Mel Ferrer mede seis pés e duas polegadas pesa cento e setenta libras, tem olhos e cabelos castanhos.

★





A CENA muda

SEMANÁRIO DE ARTE

ANO 30 ★ Nº 19 ★ 10-5-1951

SUMÁRIO

Último divórcio? (Leon Eliachar) ... 3
Luís Bello, el matador ... 4
Xavier Cugat confessa verdade (Alberto Conrado) ... 5
O cinema brasileiro tirou as fraldas ... 6
Um «Oscar» para Judy ... 8
Raul Brunini arranjou 12 noivas ... 9
Tereza (Cine-romance) ... 10
O Mulato (resumo) ... 12
Uma estética da gentileza (Henri Angel) ... 13
Antologia dos cronistas cariocas (Salvyano Cavalcanti de Paiva) ... 14
Marlene ... 15
Flashes mundiais ... 16
Johnny Weissmuller ... 18
Correio do fã ... 20
Michael Redgrave alcança sucesso (Stephen Wells) ... 20
Coluna do fã ... 23
Micheline Prelle (close-up) ... 25
Rádio (Armando Migueis) ... 26
O que vai pela Broadway (Jackson Flores) ... 28
Telas da cidade ... 29
Discos (Frankie) ... 30
Melodias para você ... 31
Arquivo (Brooklyn Jack) ... 32
Música (Oswaldo da Cunha) ... 33
Pausa para meditação ... 34
Opinião alheia ... 34

★

CAPA
LUCILLE BARKLEY
(U. Internacional)

A redação não se responsabiliza pelos trabalhos assinados.

EXPEDIENTE

Fundado em 1921 — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA. Diretor-presidente: Gratuliano Brito.
Endereço: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro — Brasil. Telefones: — Secretaria, 22-4447; Administração e Publicidade, 22-2550. Portaria, 22-5602. Endereço telegráfico: «Revista». número avulso para todo o território brasileiro. Cr$ 3,00. Assinatura: Anual (52 números), Cr$ 150,00. Semestral (26 números), Cr$ 75,000. Registrada: Anual, Cr$ 180,00. Semestral, Cr$ 90,00. Estrangeiro: Anual, Cr$ 280,00; Semestral, Cr$ 140,00. Número atrasado, Cr$ 3,50. Agentes em tôdas as capitais e principais cidades do Brasil. Representantes: — Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West 44th Street, New York City, N.Y. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º Distrito, Lisboa. África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Sucursal na Argentina: «Inter-Prensa», Florida, 229, Buenos Aires. Tôda correspondência deve ser enviada ao diretor.

★

Distribuição em São Paulo:
A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 4-1569.

Publicidade em São Paulo:
Jarbas de Freitas Galvão

Rua da Conceição, 58 — 1º andar — Tel. 36-6718

CORRESPONDENTE EM HOLLYWOOD

VIOLET KINNEY
THMOMAS KEENE

CORRESPONDENTE EM PARIS

JEAN DELMAR

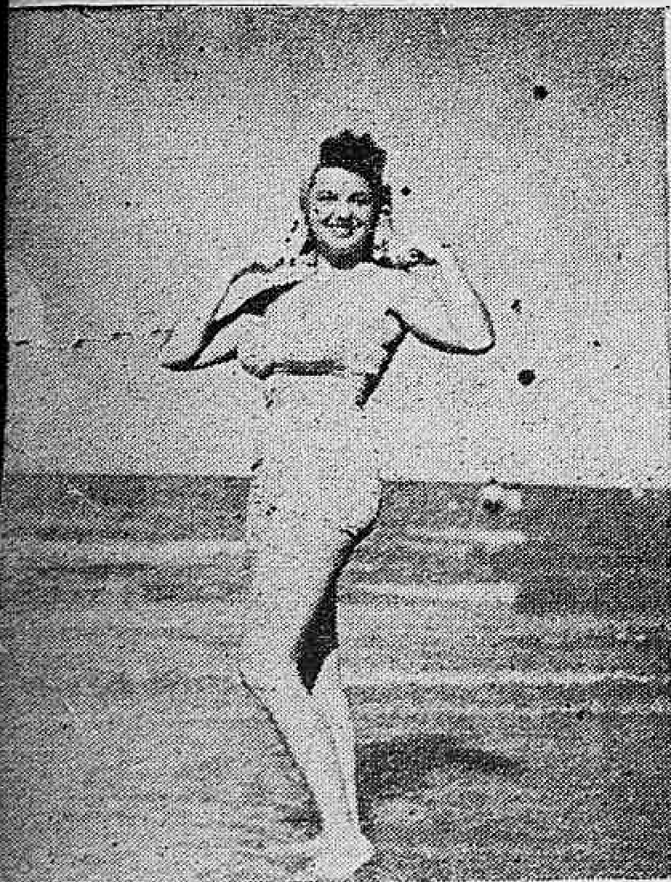
Redator-Chefe da Publicidade:
Severino Lopes Guimarães

IMPORTANTE:

O preço desta revista é de Cr$ 3,00 em todo o Brasil. Não é permitida a venda por quantia superior à marcada na capa.



COOGIE E ABE
a pedra do escândalo e a maçã do paraiso



MISS SULLIVAN
Será a quarta?



ABBE LANE
Foi a terceira

DEPOIS DE UM GRANDE ESCÂNDALO:

XAVIER CUGAT CONFESSA A VERDADE

ESTAVA CUGAT LENDO UMA REVISTA. . .? ★ QUANTA ROUPA TINHA POSTA ABBE LANE. . .? ★ POSSUE LORRAINE AS FOTOS QUE DIZ. . .? ★ QUAL DAS DUAS VERSÕES É EXATA. . .? ★ QUANTAS RUMBAS CUSTARÁ ISTO AO CATALÃO. . .? ★ ÊSTE CRONISTA FÊZ ESPIONAGEM.

De ALBERTO CONRADO

MONTEVIDÉU — abril — Perdoe-nos Xavier a nossa indiscreção e o quebramento da promessa da não divulgação do assunto. Você tinha razão. Nós, os jornalistas, somos uns semvergonhas. Existem as exceções é claro, porém não gostamos de ganhar fama sem proveito. Quando você receber esta reportagem em Nova York não se esqueça que «os trabalhos assinados são de inteira responsabilidade do autor».

Os leitores devem conhecer o processo do caso. Parece que Lorraine, que foi a segunda espôsa de Cugat, passava fome. E então, sob o pretexto da infidelidade do músico, pediu 250.000 dólares de alimentos para o divórcio. Mas não satisfeita com isto, Lorraine disse que também passava frio e quiz ficar com um palacete em Beverly Hills que custa outro quarto de milhão, sempre em US$, como dizem os banqueiros. Quando comunicaram a Coogie o assunto do frio disse: «Me deixa gelado», e negou-se terminantemente a dar a casa. Então Lorraine, que estava na terra das maçãs de $1.20 o quilo, tomou o avião rumo a Chicago para provar suas declarações. Quando chegou a cidade dos gangsters, foi procurar seu espôso em companhia de dois detetives e vários fotógrafos. Ao entrar de sopetão no quarto de Coogie encontrou — acidentalmente — a morena Abbe Lane. Até aqui é onde as versões coincidem. Depois disto, Lorraine mantém que ao entrar repentinamente na habitação encontrou o catalão «sem nada» e Miss Lane com muito menos e do qual se diz que existem as correspondentes provas gráficas.

O escândalo se armou em forma de gigante. Os jornais de Nova York deram grande importância ao assunto. A um dos repórteres, Abbe declarou completamente entristecida «I'm feel very unhappy», cuja tradução vem a ser aproximadamente «sou muito infeliz», como dizem nos episódios de Balzac as damas que perderam a honra no carnaval nas mãos de um sedutor. A versão dos vários membros da orquestra é bastante diferente. Abbe trocava de roupa no quarto de banho e Cugat a esperava no outro quarto completamente vestido e lendo uma revista. Tudo muito a gôsto da «Legião da Decência». Lorraine e sua gente irromperam no quarto. Coogie protestou com fúria. Assustada Abbe surgiu como... estava. Nesse momento todos se despreocuparam de Cugat — é uma das coisas que mais o enervam — e aproveitaram o momento para tomar as fotos de Abbe... como estava. Isto, é pelo menos, o que se tem difundido por aí. Porém, nós necessitavamos uma versão de primeira mão. Tinhamos perto de nós (moravamos no mesmo hotel e andar em Montevidéu) a pedra do escândalo, a maçã do paraiso, os gansos do Capitólio e o cavalo de Troia. Assim que fomos entrando em confianpa com Cugat. Primeiramente umas cordiais reverências de cabeça quando nos encontravamos nos corredores ou no elevador e depois, abrindo intencionalmente uma página desta revista onde aparecia uma sua foto, fomos conversando sôbre cinema, rádio, Brasil, «gaita» (sua conversa preferida), e finalmente podiamos tocar no nosso objetivo.

— «Mr. Cugat — dissemos com o nosso tom mais diplomático — lhe importaria dar-nos sua versão sôbre êsse pequeno assunto de Chicago?»

— «Perfeitamente. Mas com a condição de que você não publique nada».

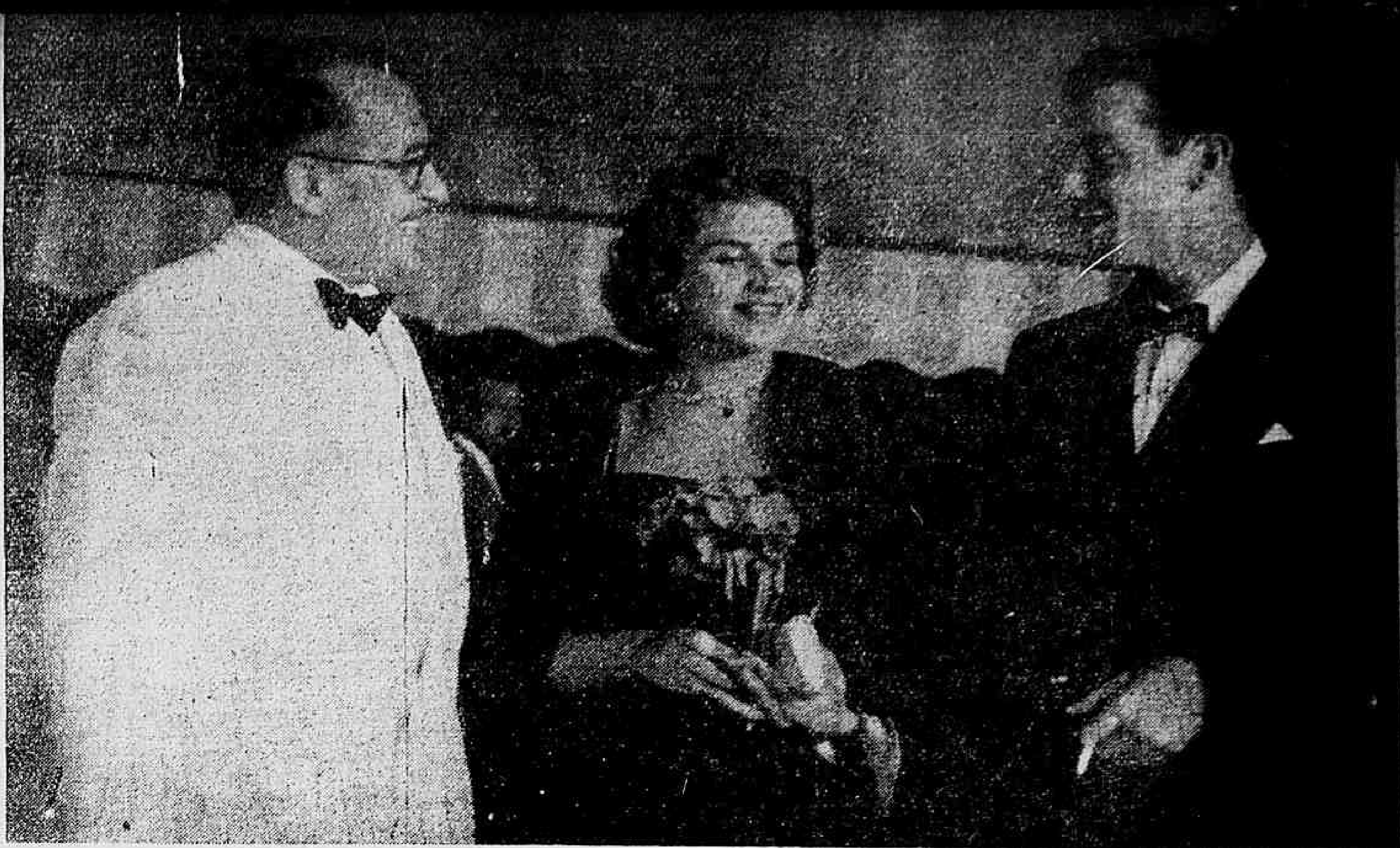
— Absolutamente.

— «Olha, menino, — nos respondeu — Lorraine pode dizer o que queira e eu não vou desmentí-la. Mas isso terá que prová-lo, entendes? Se possue as fotos que as mostre e me verá em máus lençóis. Mas por enquanto... Tudo isto é questão exclusivamente de dinheiro. Ela quer 250 mil dólares em dinheiro e 3.600 por mês, aparte da casa da Califórnia. Eu lhe oferece para acabar com tudo isso 100 mil dólares e 1.000 mensais. A casa pode usá-la se quizer, mas é sempre minha. E inclusive eu lhe direi que ela anda com Sánchez, «o rei do açúcar», um cubano muito divertido, mas muito pouco amigo de casar-se... Se ela, em realidade tivesse tal foto, para que eu seguiria adiante gastando tanto dinheiro em advogados?... Êste bendito assunto me leva engulidos já mais de 30.000 dólares. Sabes tú quantas rumbas e boleros tenho que tocar para recuperá-los?»

— «Francamente não sabemos. Porém andamos seguinto Cugat pela praia de Pocitos e vimos o criador de «Quanto le gusta» bastante amoroso com uma das «crooners» do «Carnaval no Gelo», a qual passava horas inteiras com o balzaquiano encoberta com uma dupla barraca de praia. Anda Cugat procurando mais barulho? Não opinamos nada disto nem do que se relatou. Os leitores são depositários das três versões. Escolham a que quizerem.

MONTEVIDÉU, maio — O cinema brasileiro tirou as fraldas, vestiu calças compridas e entrou airosamente no Festival de Punta del Este ante os olhares de expectativa do público, delegações, crítica, jurados, etc. Finalizada a sessão de "Caiçara" os comentários eram por de mais entusiastas e muitos prognosticavam que o Brasil seria um dos perigosos rivais dos italianos para a conquista dos prêmios, já que os peninsulares traziam a vitória nos bolsos. Êsse exagêro deve-se naturalmente ao integral desconhecimento do cinema brasileiro e talvez às péssimas referências de algum turista, ou ainda, à antiga exibição de "Bonequinha de Sêda", de triste memória, do novelista Oduvaldo Viana, que, no Uruguai, constituiu a única amostra da nossa cinematografia. Claro está que as primeiras impressões ficam e daí a surprêsa, a nota sensacional do certame, a apresentação dos filmes nacionais. Entretanto, a crítica uruguaia, uma das mais entendidas do nosso continente, não se deixou levar pelos entusiasmos de primeira hora e optou, como tinha obrigação, por analisar as obras brasileiras sob o ponto-de-vista da valorização artística, deixando à parte qualquer romantismo de fronteiras. Os nossos aplausos para os críticos uruguaios, que souberam sobrepor-se a pieguices de boa-vizinhança e apontaram os erros do nosso cinema. Se o jurado tivesse agido da mesma forma, outro seria naturalmente o resultado do veredicto. No primeiro caso primou a honestidade, a isenção e a latente preocupação de seguir o lema *"O cinema não tem pátria"*, nem sua bandeira possui côr alguma. No seio do júri manteve-se a preocupação de satisfazer a todos e dar "prêmios de consolação", na forma de melhor filme apresentado por pais.

Comentando o filme "Terra é sempre terra" o diário "Marcha" diz: "E' um perigoso êrro do novo cinema brasileiro, tão prometedor agora, sob a supervisão competente de Alberto Cavalcânti. A ação se desenvolve no campo e a precede a afirmação bíblica de que "umas gerações vão e outras chegam; mas a terra é sempre a terra"; estas circunstâncias e a linda paisagem com que o filme se inicia eram excelentes indícios de que se iniciava uma política cinematográfica que era a mais conveniente para a indústria brasileira. Entretanto, aqui se desenvolve, geralmente à portas fechadas, um melodrama que o cinema mexicano teria assinado com devoção. Não se discute a capacidade da fotografia nem o acêrto na composição de ambientes de receio, pressão moral, sexo ou desejo físico, nem a correção dos intérpretes; o filme é um bom exercício de suficiência cinematográfica, possibilitado pela experiência técnica de Cavalcânti. Por outro lado, discute-se os valores disso quando servem a um argumento que só interessa a êles mesmos com seu tráfego de mortes violentas e contos do "vigário" a ricaços cariocas, filhos naturais e o restabelecimento final de ordem e progresso. O cinema



CAVALCANTI, TÔNIA E MÁRIO SÉRGIO
Os filmes nacionais impressionaram.

O CINEMA BRASILEIRO TIROU AS FRALDAS

DEPOIS DO FESTIVAL DO URUGUAI A IMPRENSA COMENTA COM SABER OS VALORES E DEFEITOS DOS FILMES "CAIÇARA" E "TERRA É SEMPRE TERRA" ★ O PÚBLICO DISPENSOU À PRIMEIRA DESSAS PRODUÇÕES OS APLAUSOS MAIS ENTUSIASTAS DO CERTAME.

de ALBERTO CONRADO

brasileiro se distrai aqui de seus verdadeiros interêsses, sem chegar a demonstrar que a terra é sempre terra."

O mesmo jornal, analisando "Caiçara" aponta: "..."Caiçara é o primeiro filme brasileiro, se omitir-se um par de "abacaxis musicais", produzidos fora de qualquer plano orgânico e com participação de capitais estrangeiros. Não foi vão que seu produtor, Alberto Cavalcânti brasileiro de destacada atuação no cinema inglês, foi, muito acertadamente, encarregado pelo govêrno de seu pais de organizar, desde a base, o cinema brasileiro. Mas nem a direção nem o argumento dêste filme lhe pertencem e isso explica suas tantas insuficiências. O tema é estéril e rotineiro. Uma mulher é infeliz com seu marido, que lhe impuseram, e ademais sofre a brutal lascivia do ambiente que a rodeia, nas cercanias de Santos; morrem um par de canalhas que a hostilizavam e um garôto que a defendia e, finalmente, encontra a felicidade num simpático marinheiro. Esta novelazinha chega a adquirir certa dose de ver-

(Cont. na pág. 25)



MÁRIO SÉRGIO
galã dos brotinhos



TÔNIA CARREIRO
A dos maravilhosos olhos verdes.



MARISA PRADO
«Terra é sempre terra»



UM "OSCAR" PARA JUDY

Judy Holliday foi proclamada pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood "a melhor atriz do ano" por sua extraordinária "performance" em "Nascida Ontem" (Born Yesterday), filme da Colúmbia dirigido por George Cukor e extraído da célebre peça de Garson Kanin. Poucos dias antes, pela mesma razão, Judy havia sido premiada com o "Golden Globe" pela Associação dos Correspondentes Estrangeiros de Hollywood, com o qual aparece na gravura acima.

Essa associação, como todos sabem, congrega jornalistas que representam as maiores publicações do mundo inteiro. Por isso mesmo êsse prêmio é tão cobiçado pelos astros e estrêlas de Hollywood. Juntamente com Judy Holliday veremes em "Nascida Ontem" Broderick Crawford e William Holden.

RAUL BRUNINI ARRANJOU:

UMA chuvinha irritante começara a cair. Raul Brunini, cumprida a missão que o levara ao próspero subúrbio do Méier, meteu-se no carro, rumo à Rádio Globo. A seu lado, Francisco Marques comentava o descaso da Central do Brasil pelos que viajam em seus trens. Enquanto isso, o pequeno Renaud devorava os quilômetros, sob a chuvinha irritante que não parava de cair. Na altura do Engenho Novo, com o pára-brisas embaciado, Brunini fêz uma parada. Ia dar um jeito no limpador que, teimosamente, parara de funcionar. Botou o pé fora do carro e...

Na manhã seguinte, junto ao noticiário do acidente ferroviário do Méier, os jornais falavam do serissimo desastre de que fôra vitima o locutor da Globo. Foi o suficiente para que a mesa telefônica dessa estação tivesse todos os seus ramais ocupados. Pessoas das mais diversas categorias so-



Nessa fase durissima de sua carreira radiofônica, Raul Brunini constatou ser o rádio uma grande familia, unindo individuos de tôdas as categorias, de tôdas as condições sociais. Mais, ainda: êle verificou ser o programa "Conversa em Familia" qualquer coisa de extraordinário. Suas, são as seguintes palavras: "Sabia eu do prestigio dêsse cartaz, mas não supunha-o de tamanha notoriedade. Desde as mais altas personalidades em todos os setores da atividade nacional, até aos mais humildes habitantes das nossas favelas, ouvem atentamente as audições dêsse programa, e com carinho se identificam com todos os seus integrantes. E' de fato um "broadcast" cem por cento, que cumpre na integra o objetivo do rádio: educar, instruir e divertir, pois os assuntos são tratados com rigorosidade, imparcialmente, mas dentro de ambiente familiar, acessivel a qualquer individuo, seja êle culto, inteligente, ou mesmo

DOZE "NOIVAS"!

ciais, no afã de saber o estado de Brunini, ligavam para a emissora dos 1.180 quilociclos. Outras, mais afoitas, buscavam informações no Pronto Socorro. E o número de interessados crescia de instante a instante.

Decorridos quase três meses do acidente, temos Brunini à nossa frente. Nêle, não se observam vestigios daqueles dias horriveis em que estêve prêso à um leito de hospital. Risonho e bem disposto, como a vender saúde, não perdeu a oportunidade. Falou-nos do periodo de dezoito dias em que estêve na clinica São Bento, quando recebeu, por parte dos radiouvintes, as mais emocionantes demonstrações de solidariedade e carinho. Centenas de pessoas, diàriamente, levavam-lhe uma palavra de confôrto e de estímulo.

DE ARMANDO MIGUEIS

O sóbrio locutor impressionou-se, sobremaneira, com a presença dos colegas da estação em que trabalha e dos das demais emissoras. Tal gesto se lhe afigura como perfeita demonstração de camaradagem e uião da familia radialista brasileira.

O exclusivo da PRE-3 contou-nos que uma telefonista dessa emissora atendeu, num mesmo dia, doze "noivas", tôdas ansiosas em saber como êle ia passando. Essas doze "noivas" têm uma explicação: como era proibida a visita nos primeiros dias, elas então se apresentavam como "noivas", para poder conseguirem entrar no quarto em que êle se encontrava. Brunini, aliás, confessa-se bastante satisfeito com êsse mundão de noivas...

Não pequeno número de ouvintes fêz tôda a sorte de promessas, a fim de que o acidentado se restabelecesse. Outros, porém, preferiram enviar-lhe orações, imagens, crucifixos e santinhos. Êle espera, por sinal, comparecer a todos os atos de fé e religião.

Senhoras, apesar das atribulações caseiras, iam apressadamente fazer-lhe uma visitinha de dois minutos. Para justificar o fato, era comum afirmarem: "o senhor que todos os dias leva uma boa dose de alegria para a nossa casa, não pode ficar sòzinho no leito de um hospital".

analfabeto. Cito nominalmente "Conversa em Familia", pois não houve uma só pessoa que me visitasse que não fizesse referência a êle."

Após a revelação acima, Brunini recorda as demonstrações que recebeu da A.B.I.; do D.I.E.; dos clubes e entidades desportivas; do telegrama-mensagem de seus colegas radialistas de São Paulo; da A.B.R., que estêve presente em todos os momentos. Nesse ponto, faz questão de ressaltar, a Rádio Globo, organização a que pertence, não só pelo que fêz, como pelo que continua a fazer para que êle se ache como em sua própria casa. Cita, então, o sr. Henrique Tavares, a quem considera um amigo em qualquer ocasião e um chefe de grande coração.

TERESA

A Agência de Empregos dos Estados Unidos que Phillip Cass resolvera procurar hoje, era igual a tôdas as outras que já procurara anteriormente. A mesma fila interminável do lado de fora do gabinete de uma eficiente funcionária, que fazia as mesmas perguntas de sempre de tôdas as outras agências:

— "Trabalhou na semana passada? Procurou por emprêgo? Recusou algum trabalho?"

A sala estava abafada, mas isso sòmente não era o motivo do suor que se acumulava no rosto de Phillip. Olhando-o mais cuidadosamente, observava-se que êle não era mais do que um garôto. Contudo, haviam veteranos de sua idade, em cujas faces não se viam os sinais de um conflito interno como o que parecia dominá-lo.

— "Pode aproximar-se, por favor!" — disse àsperamente a mulher, dirigindo-se a êle.

Mas Phillip não se aproximou. Dando meia-volta ràpidamente, deixou o edifício da Agência de Empregos.

Não foi mais do que um impulso desesperado que conduziu os seus passos à Clinica de Reabilitação de Veteranos, onde há muito êle não ia. Não que isso lhe fôsse fazer algum bem, mas aquêle jovem conselheiro, Frank — que estava encarregado dêsse caso — parecia compreender o caos atormentador e sem esperanças que o dominava, mantendo-o prêso em sua teia. Embora a maioria dos testes parecessem tolos, como aquêle retrato que o médico lhe havia pedido para desenhar.

Fôra uma mágica lua de mel. Mas êle recebeu ordens para regressar a América. Sòzinho!

No momento exato em que Phillip entrava na Clinica, Frank mostrava aquêle mesmo desenho ao seu colega Rostahl. Era um desenho cruel de uma criança sentando-se na cama e sorrindo vagamente.

— "Pedi-lhe para desenhar um ser humano. Agora olhe para as mãos. São fracas e desajeitadas, sem parecer possuir qualquer fôrça. Não possui nada para a luta... nem pés para correr... o seu auto-retrato" — o sorriso era



para disfarçar o sentimento de pânico de Phillip.

— "Êle não parece ter uma grande impressão de si" — balbuciou Rosthal.

— "A sua espôsa o deixou há diversos meses. Êle veio aqui procurando um emprêgo, mas do que êle realmente necessitava era ajuda..." — êle parou de falar ao ver o rapaz sentado em um banco do lado de fora. Chamou-o: — "Phillip!"

Phillip entrou, sorrindo desajeitadamente para ambos. Quando Rosthal lhe perguntou como passava, respondeu confusamente:

— "Bem... eu creio."

Rosthal se despediu logo depois e Frank ficou sòzinho com êle. Com uma voz amigável, perguntou:

— "Onde você se meteu todo êste tempo?"

— "O senhor quer dizer que eu não devia ter perdido todos aquêles compromissos? Não sei o que se passa comigo. Continuo todo confuso... como de costume" — os seus olhos se marejaram de lágrimas| — "Lamento muito... Que criança!" — êle fêz um gesto desajeitado. — "E' como se uma pessoa grita e grita e ninguém a ouve."

— "Eu o ouço" — retrucou Frank quietamente. — "A sua mãe e seu pai também não o ouvem?"

— "O meu pai! Êle não está em lugar algum, aquêle sujeito!"

A repulsão que o rapaz conseguira pôr em suas palavras, deu ao psicólogo a impressão de que êle nascera para ser um amante de ídolos e nada digno de admiração encontrava no indeciso homem dominado pela espôsa que era o seu pai.

— "Êle nunca me fêz sentir... *seguro*" — êle fêz uma pausa e então exclamou: — "Eu gostaria que *Dobbs* tivesse sido o meu pai."

— "O seu amigo do exército?"

— "Se êle estivesse aqui, eu poderia fazer *qualquer coisa*" — a voz incolor e apagada parecia ter sido bafejada por uma brisa de vida. — "Saber manter um emprêgo, encontrar minha mulher..."

— "Mas êle não está aqui" — Frank afirmou calmamente.

— "É" — o rapaz suspirou. — "Creio que preciso de alguém para me mostrar... não exatamente um pai..."

— "Alguém que possa olhar como... como uma espécie de herói?" — sugeriu Frank.

— "Penso que foi isso que andei sempre procurando."

— "E o resto de sua família? Como se apresenta em seu caso?"

Ao ouvir a pergunta o rapaz se levantou.

— "Olhe... estou sentindo uma dor de cabeça! Não quero mais falar! Não quero pensar!" — sem nem ao menos olhar para trás, deixou a clínica.

Phillip ainda estava mais agitado pela conversação que mantivera com o psicólogo ao galgar os degraus do imundo cortiço onde a família Cass tinha o seu lar, e entrou no pequeno e desarrumado compartimento da família. Atravessou a cozinha, olhando hostilmente a sua mãe, e se encaminhou para o banheiro, puxando a maçaneta da porta.

A sua irmã, Susan, uma jovem que acabara de completar dezessete anos, gritou de dentro:

— "Estou aqui!"

Voltando à cozinha, êle se debruçou sôbre a pia, lavando o rosto e o pescoço. A sua mãe dirigiu-lhe um olhar e se queixou.

— "Você não me beija mais."

— "Que você disse?" — indagou Phillip, fechando a torneira.

— "Nada" — retrucou ela, recuando ante o estado de espírito rebelde do filho.

Phillip abriu a porta do quarto, vendo o seu pai que ouvia o rádio. Ao ver o filho, os seus olhos se acenderam de brilho.

— "Agora que você está em casa, podemos ouvir o jôgo... ou qualquer outra coisa que você queira."

Phillip tornou a fechar a porta, sem nem ao menos dar-se ao incômodo de responder ao pai.

Título original:

TERESA

E L E N C O :

Phillip Cass	**John Ericson**
Teresa	**Pier Angeli**
Mrs. Cass	**Patrícia Collinge**
Mr. Cass	Richard Bishop
Susa Cass	Peggy Ann Garner
Sgto. Dobbs	Ralph Meeker
Grissom	Bill Mauldin
A mãe de Teresa ...	Ave Ninchi
Sgto. Brown	Edward Binns
Frank	Rod Steiger
Mário	Franco Interlenghi
Cozinheiro	Richard McNamara

Uma produção de Fred Zinnemann distribuida pela Metro Godwyn Mayer — Produção de Arthur Loew — Direção de Fred Zinnemann — Senário de Stewart Stern — Baseado numa história original de Fred Hayes e Stewart Stern.

— "Você recebeu um cheque de desempregado?" — indagou a Sra. Cass quando êle entrou no quarto. Quando Phillip sentou-se pesadamente no sofá, o tom de sua voz se adoçou: "Que há, querido? Está novamente com dor de cabeça?" — solicitamente ela baixou as venezianas. — "Vou preparar-lhe um copo de suco de uva."

— "Não."

Quando a sua mãe deixou a sala, Phillip botou um braço sôbre o rosto. Com uma infinita saudade êle balbuciou a palavra "Sparrow". Então, por mais que êle lutasse contra elas, memórias inundaram o seu cérebro; memórias de Dobbs... de Teresa... da Itália. Não havia fuga para êsse tempo.

★

ITÁLIA. Êle havia sido um dos três substitutos, dolorosamente inexperientes, saídos há apenas cinco semanas do campo de treinamento, e enviados para o destacamento americano da destruida cidade de Scascoli, situada ao pé de uma montanha ocupada pelo inimigo.

Próximos de seu destino, uma granada explodiu na estrada, logo atrás dêles. Em pânico, esquecendo todo o aprendizado teórico, êles se haviam levantado.

— "Deitem-se no chão!" — gritara uma voz autoritária. Outra granada explodiu e Phillip se manteve de pé, prêsa de uma paralisia de terror. O homem que havia dado a ordem lançou-o ao chão e ali o manteve até que a barragem tivesse passado.

Ao chegarem à vila, êle tomou os seus nomes e lhes disse:

— "Sou o Sargento Dobbs."

Um homem alto, musculoso e de face rígida, com o olhar cansado daqueles que há muito viviam na luta. Sorrindo vagarosamente, mandou-os para a linha do rancho.

O cozinheiro, colocando picadinho na marmita de Phillip, dirigiu o olhar invejosamente para o seu relógio de pulso.

— "Que quer você por êle?"

Phillip meneou a cabeça.

— "Nada. Foi alguém que me deu de presente."

Incertamente, êle começou a procurar um lugar para comer. Mas a recente experiência lhe havia tirado o apetite; sem pensar, pôs o conteúdo de sua marmita em uma lata de lixo. Maltas de residentes da vila estavam olhando a fila do rancho com expressões esfomeadas no rosto e ao verem a ação de Phillip um murmúrio de ressentimento se levantou do seio dêles.

(Cont. na pág. 22)

NUMA TEIA DE CONFUSÃO QUE OS ANOS HAVIAM TECIDO EM SEU REDOR, ÊLE QUASE DESTRUIU O AMOR DE U'A MOÇA...



Ela deseja trocar a estatueta por alimento, mas não aceitava esmolas.



A cerimônia de casamento foi simples e inesquecível.



Ela temia que êle se tivesse metido com alguma mulher.



Quando Teresa lhe perguntou sôbre o emprêgo, êle respondeu: — «Deixe-me em paz!»



Virgem quando Angelo cai doente de pneumonia.

E o milagre acontece: o garotinho é salvo. Angelo vence a crise da enfermidade e se cura ràpidamente. Amanhece assim para ambos uma nova vida, na qual Mateo sente transmutações de felicidade como nunca experimentara. Mas, eis que a turvar a paz dos três, certo dia aparece um homem: um negro de lábios grossos e cabelos crespos. Mateo julga ser o pai de Angelo, mas logo tem notícia de que êste morrera, poucos meses após sair de Nápoles, e ser aquêle o tio que vem ver o sobrinho. Imenso é o desespero de Mateo: agora, que tanto bem quer ao negrinho, e o sente seu, bem seu, não quer perdê-lo. Luta para ficar com o menino, mas é inútil: o próprio Angelo o convence de que o seu lugar é entre a gente de côr, entre sua gente. E será Mateo quem acompanhará Angelo ao grande transantlântico que o levará para sempre para a América. Falou a voz do sangue...

DEPOIS de haver cumprido cinco anos de pena por furto com agravantes, Mateo Belfiore sai da Penitenciária de Nísida. Ansiando por notícias de seu filho, nascido durante seu cativeiro, logo que fica livre vai à tôda pressa encontrar-se com seu amigo Don Gennà, pintor, tocador de música e homem muito curioso. Mas êste, embaraçado, responde às suas perguntas dizendo que confiou o menino a Catari, ex-namorada de Mateo — pois Angelo, o menino precisava mais dos cuidados de uma mulher que os de um pobre homem como êle.

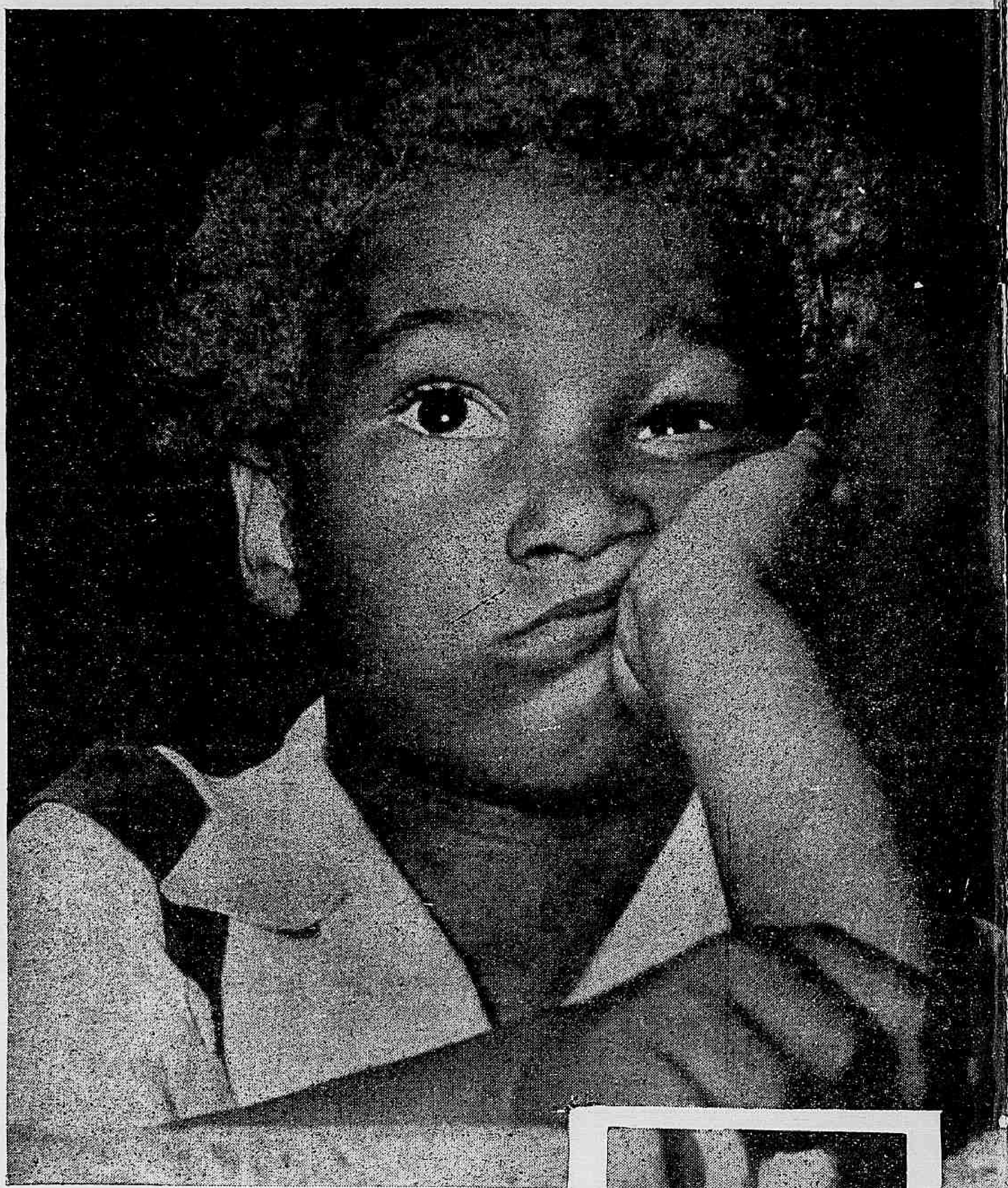
Com impaciência todavia maior, Mateo vai à casa de Catari, em Forio de Isquia, para ver, finalmente, o seu filho. A jovem acolhe o ex-amante evidentemente atrapalhada, e quando êste lhe pede para ver a criança, responde-lhe que já não a tem com ela: levou Angelo para um ásilo de orfãos, em Procida. Mateo parte para essa ilha e ali pergunta à freira do ásilo pelo menino. Sente-se feliz: levá-lo agora consigo. Há muito tempo que ansiava por êste momento. Desde quando morreu-lhe a mulher êste fôra o seu único prazer, a sua única esperança durante os longos e tristes anos passados no cárcere. A diretora parece estranhar... fala por circunlóquios... De repente, abre-se a porta e na soleira aparece um garoto mestiço, com a carinha mulata adornada de cabelos louros, uns cabelos encarapinhados que só vendo. Mateo pensa que se trata de uma brincadeira de máu gosto, e volta a reclamar «seu» filho. E ao explicar-lhe a freira que seu filho é êste, ou pelo menos, é «seu» juridicamente, o pobre rapaz foge horrorizado. Tudo isto é para êle como se o mundo inteiro se acabasse de repente e em sua raiva roga pragas contra a mulher que o traiu e contra a pobre e infeliz criança...

Volta, portanto, como outróra, a tocar nas tabernas em companhia de seu amigo Don Gennà. Mas Mateo, um e todos ficam logo sabendo, não pode esquecer sua vergonha, que o continua perseguindo. Aconselhado por Don Gennà, um dia vai a um advogado para ver se é possível anular essa paternidade vergonhosa que tanto lhe pesa: mas êste lhe tira tôda a esperança: o menino nasceu dentro dos limites da lei, e, portanto, juridicamente é seu.

Desde aquêle momento, é coisa sabida por tôda a gente, Mateo se sente cada vez mais obsedado pela imagem daquela carinha mulata, adornada de cabelos louros, de cabelos «mel com areia»... A tal ponto de irritação fica o rapaz que pouco a pouco uma idéia fixa o ganha: a maneira mais fácil de se ver livre do menino. O ódio cresce no coração de Mateo. Mateo imagina profundamente o modo de matar a criança.

Fingindo haver mudado de determinação, apresenta-se no ásilo e conduz o mulatinho pra casa. Estranha é a vida que começa para Angelo: junto aos dois homens vai de uma taberna a outra, acompanhado do carinho de Don Gennà e perseguido pelo ódio de Mateo, que manifesta-se de mil maneiras possíveis e, que o faz sofrer horrìvelmente. Mas o ódio do homem aos poucos vai desaparecendo ante o forte apego e graça do garotinho que tanto lhe recorda a sua falecida espôsa.

E êle, que havia tido a princípio a idéia de matar o inocente, é quem vai rogar préces à



O MULATO

(IL MULATO)

E L E N C O :

Don Gennà .... **Umberto Spadaro**
Mateo .... **Renato Baldini**
Angelo .... **Angelo**
A namorada .... **Jole Fierro**
O advogado .... **Moh. H. Ussein**

Produção Scalera — Distribuição Art-Filmes — Direção de Francesco de Robertis



UMA ESTÉTICA DA GENTILEZA

DE HENRI AGEL — COPYRIGHT DO S. I. F.

EM meio de filmes negros, que são o pasto mensal do amador de cinema, o último filme de Jean-Paul Le Chenois, *Sans laisser d'adresse*, constitui uma benéfica exceção. Não é apenas o assunto que nos traz uma aragem de alívio, mas também o estilo do realizador de *"l'Ecole Buissonière*, que nos enleva como uma brisa leve e perfumada. "O estilo é o homem". Com efeito, pela expressão justa, matizada, humana, que êle soube dar à sua obra é que Jean-Paul Le Chenois criou êsse universo de gentileza.

Um "chauffeur" de táxi (Bernard Blier) pegou na estação de Lyon, em Paris, uma rapariga (Danièle Delorme), que o arrasta — desagradável, primeiro, deixando-se a pouco e pouco enternecer — para um interminável périplo através da capital, à procura de um jornalista. Sabemos, em breve, que esta sedutora mas leviana personagem o seduziu e que ela teve dêle um filho. Essas peregrinações através dos bairros parisienses dão ao realizador o ensejo de nos fazer sentir a fisionomia, a respiração cotidiana. O mesmo havia tentado em um registro mais modesto Henri Decoin com *Trois Télegrammes*. Já não é a Paris sombria e um pouco de pesadelo dos filmes de Carné, nem a Paris irreal, ou melhor, feérica, do mundo de René Clair. Pela primeira vez, talvez, entramos nós na intimidade simples e verdadeira da geografia parisiense: a redação de um grande vespertino, as "caves" de Saint-Germain des Près, o "hall" da estação de Lyon, um "meeting" da C. G. T., o pátio e as escadas de um grande imóvel noturno; tudo isso é surpreendido, captado, dado no próprio movimento da vida, com uma naturalidade e uma ausência de efeitos dignos dos maiores elogios.

Estamos nos antípodas da visão de um Clouzot ou de um Yves Allégret. Tudo quanto se nos mostra tem uma côr delicada, uma ressonância clara, que detêm e reconfortam o espírito do espectador. Jean Paul Le Chenois recusa-se ao pessimismo, nem se deleita no espetáculo das baixezas ou das torpezas humanas; tôdas as pequenas anotações dramáticas ou humorísticas do filme revelam uma simpatia, uma compaixão pela vida cotidiana da gente honesta ou da pobre gente que tantas vêzes desconhecem os homens do cinema. O passeio natural e cordial da câmara, a delicadeza justa e rica dos planos, a amenidade do ritmo, servem à maravilha essa visão compreensiva e afetuosa do mundo; nesse *croquis*, nessas anotações finas e densas, encontra-se uma gôta da "verve" poética de René Clair, um ar do calor humano de Grémillon, e essas duas componentes se harmonizam em uma estética da saúde espiritual e da gentileza.



Cena de «Três telegramas», de Henri Decoin

Raras vêzes se sente essa corrente no cinema. No entanto, o Renoir de *Una Partie de campagne*, do *Crime de Monsieur Lenge*, da seqüência de *La Bête Humaineque* nos mostrava a festa dos ferroviários; o Daquin de *Nous les gosses*, de *Voyageur de la Toussaint*, dos momentos mais leves do *Point du Jour*; o Beker dos melhores momentos de *Antoine e Antoinette* ou de *Rendez-vous de Juillet* deram-nos belos exemplos dessa ternura do coração e do estilo. Esta não tem a menor relação com o lado "Bibliothèque rose" ou "fleur bleue", que tão explorados têm sido pelo comercialismo romanesco, cinematográfico ou radiofônico; não há aqui trapaças nem insipidez. Apela-se para o que há de melhor em nós, porque a história é tratada com um tato, com uma delicadeza de pincel, que não forçam a emoção.

Na *Ecole Buissonière*, essa obra-prima de real gentileza que cheira bem ao torrão, o sr. Jean-Paul Le Chanois já nos havia mostrado sua personalidade tão cativante, tão aberta a tudo quanto é humano. Na *Belle que voilà*", soube tirar de um tema melodramático acentos comovedores e havia tocado, com um dedo hábil mas seguro, a miséria espiritual de um mundo corrompido pelo dinheiro e pelo egoísmo. A generosidade é aqui o principal traço de um homem que faz filmes, não apenas para divertir, mas para comunicar também a seus semelhantes o gôsto pela bondade, a noção do próximo. E' um empreendimento singularmente mais melindroso que o de pintar em pinceladas espêssas o absurdo e o desespêro.

Possa a justeza sã e luminosa de Jean Paul Le Chanois, ao renovar uma das melhores tradições francesas, trazer um pouco de ar puro no cinema. Ela juntar-se-ia, na geografia européia da gentileza, com *Passaport pour Pimlico* e *Whisky à Gogo*, da Inglaterra; *Quatre pas dans les nuages* e *Primavera*, da Itália, as maravilhosas "pochades" para crianças da Tchecoslováquia, *L'elephant et la corde à sauter*, bem como os desenhos animados da Rússia. Corresponderia aos clássicos de Frank Capra, de George Cukor e de Mitchel Laisen, da América do Norte. Êsse sorrir do coração traçaria, através de todos os filmes do mundo, um arabesco de uma substância ligeira, mas cuja doçura despertaria em nós ecos profundos.

ANTOLOGIA DOS CRONISTAS CARIOCAS

XIX

EDMUNDO LYS

NOME verdadeiro: Antônio Gabriel de Barros Vale. Pseudônimo mais conhecido: Edmundo Lys. Outros pseudônimos: Fred Lee, E.L., etc.

Profissão: jornalista, hoje e sempre.

Também já foi publicista, fazendo propaganda por "bico".

Julga haver nascido em Paris, cêrca do ano de 1830... embora as certidões, sempre incertas, afirmem que é natural de Juiz de Fora, na Zona da Mata, Estado de Minas Gerais, EE. UU. do Brasil, América do Sul, e que tenha nascido a 21 de março de 1899.

Única coisa de que não gosta: — falar de cinema...

Título que abomina: crítico ou cronista de cinema: com trinta anos de jornal, já foi crítico e cronista de tudo, inclusive de carnaval, de teatro, de óperas, de modas, de sociedade, de agropecuária, etc., etc.

Edmundo confessa modestamente não saber nada sôbre cinema, nem querer saber, limitando-se a dar notícias dos filmes a que assiste e dizer se gostou ou não...

Acha que o cinema brasileiro está muito mais adiantado do que o teatro nacional e que o mal do "contra o cinema" é apenas devido a todo o mundo pensar que entende do assunto, o que é um engano ledo e cego, também...

Gosta de ler, tudo: poesia brasileira e estrangeira, romances policiais, anúncios, palavras-cruzadas, anedotas...

Abomina escrever, mas vive disso, escrevendo a lápis, a pena e à máquina (com os dez dedos, o que é muito importante).

Não tem "hobby", nem idiossincrasias.

Acha que comer é uma maçada.

Bebe, por cortesia.

Fuma cigarros "Hollywood", por mera coincidência...

Não sabe jogar, nem mesmo víspora, dominó ou bilhar.

De esportes gosta de todos, já praticou alguns e resolveu desistir, para não ser campeão de nada, nada... E por falar *em nada,* no tempo em que *nadava,* quase morreu afogado e acha que a morte por afogamento, a única de que tem alguma experiência (mas não muita) deve ser uma delícia...

Única coisa que acha realmente de certa importância: a mulher.

Conhece poucas artistas de cinema e gosta mais delas fora da tela, isto é, em carne e osso. A mais bonita que já viu: Lana Turner. A mais inteligente: Simone Signoret.

Não sabe de cor o nome de nenhum diretor de cinema.

Sem compromisso, acha que estão eruditando de mais o cinema.



Organização de SALVYANO CAVALCANTI DE PAIVA
Charge de JAIMESON

Assina diàriamente a crítica cinematográfica de "O Globo".

Única admiração mais ou menos sincera, em cinema: Carlitos. Considera-o a única coisa definitiva em cinema, pois tudo o mais é discutível (porém, êle não discute...).

Diversão favorita: dormir.

Além do amor, preza a amizade (de poucos e bons sujeitos, de alguns cães e de muitas mulheres).

Não é neurastênico, nem gosta da solidão. Pensamento afim: antes mal acompanhado do que só.

Politicamente udenista (U. D. N.), votando, apenas...

E' bacharel, como tôda a gente.

Como profissional, tem militado em Minas e no Rio, em muitos e inumeráveis jornais. Colabora em várias publicações (faz a seção literária da "Revista da Semana" e um programa na Rádio Ministério de Educação), já publicou um livro (esgotado) e pretende publicar outros, possìvelmente.

Gosta de viver de noite e dormir de dia (o que nem sempre é fácil).

Sua maior alegria: não ir ao cinema.

Gosta de tôdas as artes, de tôdas as escolas, de todos os artistas, mesmo os de circo: mas não gosta de cinema muito, não...

Gosta de viajar e já fêz algumas viagens com duas passagens sôbre os Andes, três pelo Equador.

Sujeito mais interessante que conhece: o chileno Rafael Frontaura, ator de cinema por simples acaso, poeta, boêmio, cavalheiresco (às três horas da madrugada sob um terrível aguaceiro, em Buenos Aires, viu Frontaura declamando versos de Pablo Neruda).

Seu ideal no momento (essas coisas mudam muito): voltar para Paris e viver lá.

Única coisa que quase o irrita: falta d'água, em Copacabana(porque mora lá, ora essa!...)

Não liga muito à paisagem, mas gosta dos impressionistas.

Já foi sócio da Associação Brasileira de Cronistas Cinematográficos, é sócio remido da Associação Brasileira de Imprensa.

Não disse se era contra ou a favor da bomba-atômica.

E o resto é silêncio...

ANTOLOGIA: "MEU AMIGO, AMÉLIA E EU..."

Obra de simples curiosidade, sem dúvida, êste filme de Autant-Lara, prêmio do festival de Cannes, o que fàcilmente se compreende pelo espírito francês do celulóide, pela evocação dessa chamada "Belle époque", cujo encanto continua tão cultivado nas terras da França. O argumento foi adaptado de um remoto "vaudeville" de Feydeau — aliás apresentado aqui, na recente temporada de Barrault. Como "vaudeville", é uma obra absolutamente "réussie", mas sua passagem para o cinema deixa muito a desejar. Seu humorismo é essencialmente teatral e nem o brilho da movimentação e a malícia dos diálogos e das situações conseguem os mesmos efeitos no cinema. Por mais que Autant-Lara tenha dado à película um ritmo rápido, rebuscando o tratamento da matéria, a fim de contagiar-nos de seus valores originais,

(*Cont. na pág.* 30)

MARLENE...

APESAR de seus cinqüenta e poucos anos de idade, e de ser vovó de uma netinha de 16 anos, Marlene conserva aquela personalidade atraente e jovial de mulher elegante e encantadora e — por que não? — cobiçada pelos produtores do cinema mundial. Ainda recentemente La Dietrich foi convidada para ir a Londres estrelar o filme da Fox «No Highway». Nas fotos, vemos a «grande» da tela ao lado de Jack Hawkins, coprotagonista dêsse filme, ainda em Londres e Marlene sòzinha, quando chegava a Nova York, de regresso de sua viagem pelo «Queen Elizabeth». Não resta dúvida, amigos, que Marlene está em plena forma. E seu público também.





J. SCOTT SMART palestrando com Emmett Kelly durante as filmagens de «Fat Man» da U.-I. Emmett é palhaço profissional e esta é a primeira vez que aparece em um filme em Hollywood.



CONSTANCE BENNETT aprecia o trabalho de Monty Wooley quando eram tomadas algumas cenas cômicas de «Will Love me in December?» para a 20th. Century Fox.



NO SET de «The Scarlet Pen» Linda Darnell foi vitimada por um pequeno acidente, ferindo-se em uma das mãos, aqui a vemos quando recebia os socorros da enfermeira do estúdio, Hodges

Flashes Mundiais

ARGENTINA

Francisco de Paula, o galã de "Olhai os lírios do campo" e de "Dança do Fogo", acaba de firmar contrato com os Artistas Argenttnos Associados para desempenhar um importante papel em "El Pediente", dirigido por Leon Klimovsky, e que reúne ainda dois grandes nomes do cinema portenho, também nossos conhecidos, Mirtha Lagrand e José Cibrian.

★

Gregorio Barrios, que possui uma incontestável legião de fãs entre nós está ao lado de Olga Zubarry em "Qué Hermanita", uma divertida e barulhenta comédia, cheia de músicas, canções e bailados.

★

"Cosas de Mujer", uma alta-comédia dirigida por Carlos Schilieper, reúne em seu elenco nada menos de cinco grandes nomes das telas argenitnas, são êles: — Zully Moreno, Angel Magaña, Steban Serrador, Nélida Romero e Severo Fernandez.

★

Prepara-se nos estúdios argentinos a rodagem das seguintes películas: "Titanes del Mar", drama de ambiente marinho; "Guantes de Oro", uma aventura policial; "Mujeres em Sombra", um drama que focaliza o problema da delinqüência feminina, e "Mala Gente", um filme também de ambiente policial.

★

FRANÇA

Jean Image, cognominado o Walt Disney francês, vem de terminar a filmagem de "Jeanot L'Intrepide" ou "Les nouvelles Aventures du Petit Poncet", um magnífico desenho animado inspirado nos personagens de Charles Perrault, com música de Rene Cloerec e que apresenta um magnífico tecnicolor que nada fica a dever às produções americanas dêste gênero.

★

"L'homme de joie" é o nome da nova película rodada com Jean Pierre Aumont, nos estúdios franceses, inspirada numa peça de Paul Geraldy, esta fina comédia desenrola-se num ambiente de elegância tìpicamente parisiense e traz ainda em seu elenco os nomes de Simone Renaut, Jacques Morel e outros.

★

Danielle Darrieux está novamente voltando ao seu antigo pôsto de favorita dos fãs, não só



J. ARTHUR RANK, ultima os preparativos da filmagem de «Salamandra de Ouro» que tem como estrêla Anouk Aimée, um «brotinho» francês atraido pelo cinema britânico.



GENE TIERNEY a estrêla de «On the Riviera» palestra com o diretor de diálogos Jerry Bryan, comentando um artigo publicado em uma revista especializada, sôbre a sua personalidade.



JEAN PETERS e DAVID WAYNE prepàram-se para uma tomada de cena nos estúdios da Fox, quando da filmagem de «Will You Love Me In December», seu mais recente trabalho em Hollywood.

franceses como brasileiros. Depois de seu último e delicioso desempenho como a mulher casada de "La ronde" (Conflitos do amor), já iniciou a filmagem de "La Maison Bonnadieu", que reúne Bernard Blier, Michel François, Françoise Arnooud (Tormentos de um desejo), Bert Bovy e Yves Deniaud.

★

ITÁLIA

Leonide Moguy, dirige presentemente na Itália, a sua mais recente película, trata-se de "Demain será un autre jour", que reúne Bianca Doria, Anna-Maria Pierangeli (a Pier Angeli de "Thereza" para os americanos) e Laura Gore, uma nova descoberta de Moguy, que, segundo suas próprias palavras, será um grande nome da nova geração.

★

"La Lepre Bianca" reúne em seu elenco o nome de dois americanos que, a exemplo de Constance Dowlling, Doris Dowlling, Lois Maxwell e tantos outros, resolveram fazer cinema na Itália; são êles: Jodi Desmond e Steve Barclay, considerado o novo Errol Flynn.

★

Silvana Mangano, depois de terminar "Il Brigante Musolino" e "Lupo di Sica", está ansiosa para aparecer num filme em que possa exibir ricas e elegantes "toilettes". Desde o seu "debut" no cinema, Silvana tem sonhado com esta oportunidade, no entanto, os seus diretores acham que a sua plástica é suficiente para garantir-lhe o sucesso em seus filmes.

★

ALEMANHA

Zarah Leander, a famosa "vedette" alemã que nos deu tantos bons trabalhos antes da guerra, vem de terminar "Gabriela", o seu mais recente desempenho do após-guerra.

★

Os estúdios alemães estão tentando reiniciar os seus trabalhos tão rudemente interrompidos pela guerra. Assim é que numerosas películas acham-se em preparo e algumas delas já em rodagem, entre estas podemos citar: "Der Apfel ist Ab", um filme curioso e original; "Mäachen hinter Gittern" e "As Alegres comadres de Windsor", com Sonja Ziemann, uma ópera cinematográfica inspirada na conhecida obra de Shakespeare.

★

ESTADOS UNIDOS

Jenniffer Jones está sendo constantemente assediada por uma grande ofensiva desfechada nada menos que por três emprêsas, que são a Paramount, a R.K.O., e a Columbia, para que assine um contrato. Porém, Jenniffer não se tem mostrado muito interessada, pois tem em mente realizar uma série de filmes no México, onde passou uma de suas lua-de-mel.

★

Ava Gardner vai refilmar várias histórias vividas pela saudosa Jean Harlow. Segundo tudo indica, iniciará a série com "Red Dust", película em que Jean e Clark Gable viveram cenas sensacionais. Ava, porém, terá de mostrar-se mais comedida por a "Dame Censure" reclama cada vez mais por "discreção".

★

Spencer Tracy não terá, em absoluto, que se queixar do seu trabalho em "Jalousie", pois dividirá suas atenções nada menos do que entre Lana Turner, Deborah Kerr, Loretta Young e a novata italiana Pier Angeli.



A EXEMPLO de «Strômboli», o comentado filme de Ingrid Bergman, «São Francisco de Assis» o mais recente trabalho de Rosselini, tem como intérpretes tipos da vida real, figurando entre êles um único ator profissional que é Aldo Fabrizzi. Para o dificílimo papel de São Francisco, Rosselini escolheu Don Nazario, um frade do convento de Baronissi, que pela primeira vez em sua vida enfrenta uma câmera cinematográfica, saindo-se porém muito bem, segundo os comentários. A respeito de «São Francisco de Assis» convém dizer que não foi bem recebido pela censura americana que considerando-o imoral, proibiu a sua exibição em todo o território americano, também na Argentina o fìlme foi condenado. E aqui? Será que o veremos?



DANNY THOMAS o conhecido comediante da Fox é o orgulhoso papai destas três robustas crianças, Tony, Thereza e Margareth. Danny será visto breve em «Call me Mister», tecnicolor com Betty Grable.



Johnny Weissmuller ainda é o rei d

QUANDO Johnny Weissmuller começou, nos estúdios da Columbia, os filmes baseados nas famosas histórias de aventuras em quadrinhos "Jim das Selvas" — dos quais veremos muito breve "A Lagoa dos Mortos" e "A Ilha dos Pigmeus' — o papel era novo para êle, mas o ambiente era muito familiar. E' que Johnny havia feito durante tantos anos o papel de Tarzan que até havia quem pensasse que o rapaz havia mesmo nascido nas selvas!... Nada disso... Êle nasceu mesmo foi em Wimbar, na Pensylvania, no dia 2 de junho de 1907. Mas não viveu lá muito tempo, pois a sua familia mudou-se pouco depois para Chicago.

Viviam numa enorme casa às margens do Lago Michigan. A principal lembrança que Johnny guarda de sua infância é a dos dias e dias que passou nadando. Já crescido, cursou os colégios St. Michel e Lane, onde participou em corridas a pé e em competições de natação, pois tôda a sua vida Johnny sonhou tornar-se campeão mundial de natação.

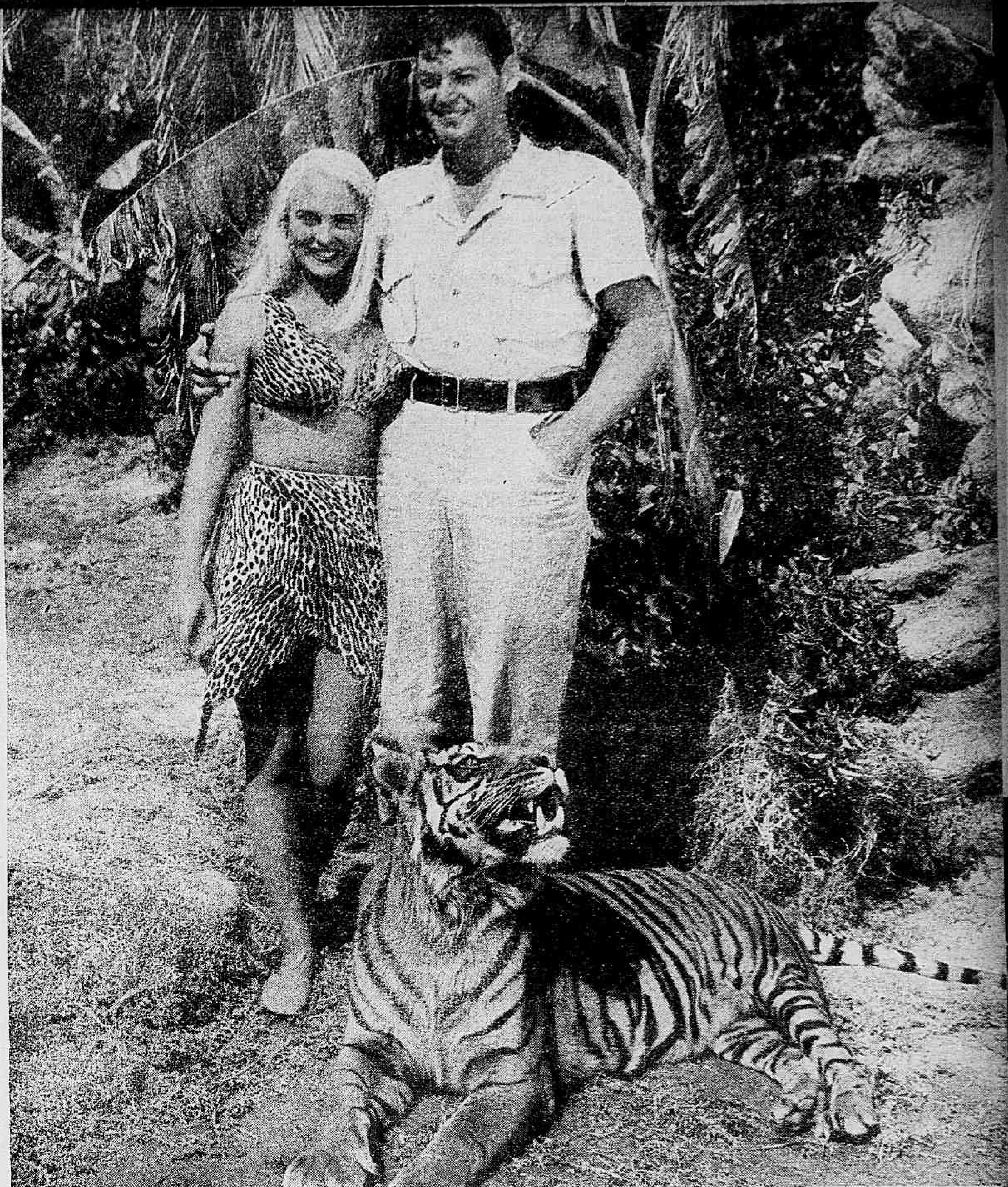
Terminado o curso, o rapaz empregou-se como mensageiro de uma casa atacadista de Chicago, lugar êsse que abandonou para ser cabineiro e depois "bell boy" do Illinois Athletic Club, já com o ôlho na magnifica piscina que lá havia. De fato, todo o momentinho de folga êle o aproveitava nadando. Foi nessa piscina que William Bachrach, famoso instrutor de natação, o viu em ação. Êsse encontro teve uma influência decisiva no futuro de Weissmuller, pois Bachrach reconheceu logo nêle a massa de que se fazem os campeões e resolveu treiná-lo. Johnny Weissmuller ganhou a sua primeira competição aos dezessete anos de idade e mais tarde tornou-se campeão mundial, sempre sob a orientação do famoso treinador.

Johnny fêz parte das equipes de natação que concorreram às Olimpíadas Mundiais de 1924 e 1928. Foi cinco vêzes campeão olímpico. Durante a sua carreira venceu 52 campeonatos nacionais e rompeu inúmeros "records" mundiais, muitos dos quais até hoje ainda não foram superados. Encerrou sua carreira esportiva sem nunca haver sido derrotado, o que representa um cartel do qual ñenhum outro campeão pode gabar-se!

Corria o ano de 1930. Um belo dia Weissmuller estava nadando na piscina do Hollywood Athletic Club e o novelista Cyril Hume, sentado à margem, o contemplava. Cyril andava buscando assunto para uma nova história de Tarzan, pois todos sabem que E. Rice Burroughs, o criador do personagem, não escreveu a maioria das suas histórias. O novelista sabia que os produtores Woody Van Dyke e Bernie Hyman andavam buscando um ator atlético para ser o novo Tarzan e sentiu logo que havia feito uma descoberta! Agarrou Johnny, levou-o ao estúdio e fêz com que o *testassem* imediatamente. Foi assim que Weissmuller apareceu pela primeira vez na tela como ator, estrelando aquêle "Tarzan and the Ape Man", que foi lançado em 1931. O seu sucesso foi tremendo! Basta que se diga que, depois disso, fêz nada menos que 18 filmes naquele gênero, sendo que o último foi "Tarzan and the Mermaids".

Depois disso deixou de ser Tarzan. Agora é "Jim das Selvas" e, sempre com igual sucesso, anda estrelando uma série de filmes que Sam Katzman está produzindo para a Columbia. Dessa série é "Lagoa dos Mortos" (Cap-

(Cont. na pág. 30)



Depois de atuar como Tarzan durante muitos anos, Johnny transformou-se em Jim das Selvas.

...as selvas



Contudo, Johnny ainda domina a «jungle», enfretando homens, bichos e... mulheres.



Nestas fotos, vemo-lo ao lado de Anita Lhoest, em seu próximo filme — «A Lagoa dos Mortes».

CORREIO DO FÃ

FRANCISCO S. GALVÃO — Engenheiro Passos, Estado do Rio — a) Já providenciamos a remessa dos exemplares de A CENA solicitados, sendo que o n. 11 deixou de seguir por estar esgotado; queira pela volta do correio nos remeter a importância de Cr$ 15,00 para pagamento dos exemplares já remetidos. b) Na primeira oportunidade, publicaremos uma foto de Deanna Durbin. c) As enquetes promovidas pela A CENA não desaparecerão, absolutamente. Tomaremos em consideração o seu pedido e realizaremos uma no sentido de saber quais as seções mais apreciadas pelos nossos leitores. Aguarde. E muito gratos pelas referências feitas ao melhoramento da revista. Apareça quando quiser.

★

IVAN RODRIGUES DE OLIVEIRA — Ribeirão Prêto — O Pery Ribas e o F. Corrêa da Silva já há muito que não colaboram na CENA. Quanto ao Alex Viany, também nos deixou, em virtude de ter-se mudado para São Paulo, contratado como cenarista da Maristela. Os artigos humorísticos de Leon Eliachar não têm aparecido por absoluta falta de tempo, mas êle promete uma nova série para muito breve. O cine-romance do filme «Kim», providenciaremos a sua publicação. E muito gratos pelos elogios em relação a nossa revista. Só isso?

★

EDSON DE ALBUQUERQUE GUIMARÃES — Natal — Seu artigo para a coluna do fã é antes uma carta endereçada a nós do que um artigo. Além do que, está um tanto confuso. Escreva outro trabalho, sôbre assuntos mais leves, que teremos imenso prazer em publicá-lo. A coluna do fã pertence a vocês mesmos.

★

MARIA HELENA PRADO DA FONSECA — Belo Horizonte — Sim, com muito gôsto atenderemos o seu pedido e de suas amiguinhas, publicando as fotos de Anselmo Duarte, Peter Lawford e Eliana. Espere um pouquinho, é só o que lhe pedimos, okay?

★

KIOSHI NAKAYAMA — Americana — Faremos o possível para publicar os cine-romances solicitados por você. Quanto as fotos, grande parte delas, incluindo o seu «favorito» John Wayne, será publicada no próximo Álbum de A CENA, em julho próximo; o restante, iremos publicando, na medida do possível, na própria revista. Satisfeita?

★

CONSUELO DE MORAIS — Sorocaba — Sôbre sua estrêla francesa Cecile Aubry, já publicamos vários trabalhos, inclusive uma reportagem completa, com fotos desde a sua infância, intitulada «A Vida de Cecile Aubry», no n. 51, de 20 de dezembro de 1949. Em 6 de setembro do mesmo ano, publicamos uma belíssima capa de Cecile, de maiô bikini; não precisamos esclarecer que a edição esgotou ràpidamente... E a 18 de abril de 1950, tornamos a publicar outra capa. Todavia, aqui vão alguns dados sôbre a sua predileta: Nasceu a 3 de agosto de 1931, na França. Filha de Lucien e Anne José Bernard. Estudou num colégio particular, em Paris, matriculando-se, mais tarde num colégio público, revelando-se sempre uma ótima aluna. Estudou arte dramática e bailado. Foi descoberta por Clouzot, que lhe deu o principal papel de «Manon». Logo a seguir foi contratada pela Fox, tendo estrelado «Rosa Negra», ao lado de Tyrone Power. Só isso? Assim que tivermos notícias de seu próximo, faremos outra reportagem, está bem?

MICHAEL REDGRAVE ALCANÇA SUCESSO

EM "THE BROWNING VERSION"

de STEPHEN WELLS (Copyright do BNS especial para «A CENA MUDA»)

LONDRES — Michael Redgrave, ora ocupado no Shakespeare Memorial Theatre, em Stratford-on-Avon, Inglaterra, com os maiores desempenhos clássicos como Ricardo II e Henrique IV, que êle está ansioso para representar enquanto é jovem, obteve o maior sucesso possível por parte da crítica num meio diferente e num muito diferente tipo de desempenho.

Sua performance no filme "The Browning Version" foi aplaudida com uma unanimidade de que não se tem lembrança de outra igual. O mais expansivo dos críticos empregou adjetivos como "impecável" e o mais sóbrio teve arrebatamentos que devem ter feito corar o tranqüilo e sensível Redgrave.

Ninguém sugeriu que "The Browning Version" seja um filme impecável, mas é tido como muito bom e o mais destacado trabalho de um estúdio britânico desde há muito.

Como acontece muitas vêzes, "The Browning Version" começa como uma peça e, apesar de seu autor, Terence Rattingan, tê-lo adaptado com grande inteligência e recursos técnicos e seu diretor, Anthony Asquith, ter feito o filme se desenrolar suavemente, persistem os sinais de sua origem teatral.

O crítico do "Time", penso eu, tinha razão em prefaciar sua nota elogiosa com essa observação: "O débito do cinema britânico de hoje para com o teatro é tão grande quanto é embaraçoso para aquêles que acreditam que o melhor cinema é o que descobre seus próprios materiais, forjando-o à sua própria moda. Essa interminável ajuda por parte dos dramaturgos é algo que se deve ter gratidão, mas já é, não obstante, tempo de se processar sua interrupção no real interêsse da arte que parece beneficiar-se dela.

Mas tem de admitir que o sucesso que certamente terá "The Browning Version" na opinião pública, dificilmente afastará os produtores do teatro, considerado uma rica fonte de assuntos."

O FRACASSO DE UM HOMEM

Talvez o grande poder de "The Browning Version" seja o de tratar de assunto real e profundo; tem um tema e também um enrêdo. Trata-se do fracasso de um homem, mas é um estudo compassivo sôbre o homem, sôbre as causas e suas respectivas conseqüências. Naturalmente que não é um tema alegre. Há mesmo momentos nesse filme que são de uma angústia comovedora. Sòmente os realmente frívolos, cujos altos desejos dramáticos se contentam com tecnicolor musical, se sentiram distantes dessa história.

Michael Redgrave, que tem 42 anos, aparenta um rosto jovem, um corpo musculoso, medindo um metro e oitenta e três e, seja como fôr, grisalho e franzino mestre escolar no limite da idade da aposentadoria compulsória. A expressão de cansaço — resultado de longos anos de uma rotina de estudos pesados. A morte lenta dos ideais — as rugas da bôca, a voz acre, são perfeitamente visíveis. Sofre-se com êsse homem, embora inspire muitas vêzes desprêzo, antes que êle pronuncie uma única palavra.

Os meninos não gostavam dêle. Os outros mestres riam à sua custa. Sua mulher — muitos anos mais moça e de fibra inteiramente diferente — era-lhe aborrecida e o enganava. Quando encontrou uma saída para seu apaixonado desespêro e frustração histérica num caso de amor febril com um jovem professor, o marido se retrai numa frieza austera, sua arma contra um mundo que não lhe dera nenhuma das compensações por êle ambicionadas.

UMA REPRESSÃO EMOCIONAL

Nesta tensa e trágica situação aparece um aluno, com um presente para o professor esquecido — uma cópia da versão de Browning de "Agamenon", de Esquilo, uma tradução do drama grego feita pelo poeta inglês do século XIX, Robert Browning. E' uma coisa pequena, insignificante, que poderia ter passado despercebida. Mas a delicadeza enterneceu o mestre; esta era uma pequena prova de que alguém lhe tinha estima bastante para presenteá-lo; isso leva sua mulher a depreciar o gesto, a inventar motivos que tirariam o significado do presente que, quase sem dar-se conta, o marido julgava um tesouro. Na intriga que se segue, o caráter verdadeiro do marido aparece de um modo tocante, e porque conte seus próprios defeitos e se permite voltar à vida debaixo de uma forte depressão emocional, quase patética, êle recupera dentro em pouco, sua dignidade de homem.

Os defeitos do filme não diminuem sua intensidade e sutileza, o critério simpático do estilo de Rattingan e o grandioso desempenho de Redgrave.

Não se pode, contudo, esconder os defeitos. Joan Kent não é uma escolha feliz para a espôsa, e não melhora sua performance intensificando suas principais cenas, em triste detrimento da sua realidade. Nigel Patrick, quase sempre um bom ator, parece insignificante no papel de amante, e Wilfred Hyde-White se aproxima perigosamente do ridículo no seu divertido estudo de rieter. Não sou um técnico em "public schools" inglêsas mas, apesar de Rattigan e Asquith serem produtos dêsses estabelecimentos, a atmosfera é deficiente e os detalhes dúbios. A poucas pessoas fora da Inglaterra importarão, contudo, êsses fatos. Na verdade, o desempenho do astro apagará as falhas de um filme que poderia ser classificado como dos piores.

Apesar da maior parte da vida artística de Michael Redgrave ter sido dedicada ao teatro, o cinema lhe mereceu também, em intervalos, algumas destacadas atuações. Foi levado por Alfred Hitchcock a tomar parte em "The Lady Vanishes", há uns treze anos, quando já era ator há quatro. Antes disso (como um treino para seu triunfo em "The Browning Version") tinha sido professor três anos. Desde logo se firmou como um astro; é também um ator de primeira classe, principalmente em "The Stars Look Down", "Kipes" e "Thunder Rock". Encontra-se em Hollywood desde a Segunda Guerra Mundial e trabalhou no muito discutido "Mourning becomes Electra", que nunca foi dado a público na Grã-Bretanha.

MICHAEL
REDGRAVE

Phillip sentiu a mão de Dobbs em seu ombro.
— "Não faça isso de novo. Esta gente está com fome."
— "Eu... eu não pretendi..."
Havia compreensão na voz de Dobbs.
— "Okay."
A alguma distância, um outro GI transferia os conteúdos de sua marmita para uma lata segura por um magro garôto. Ao presenciar esta cena, os outros habitantes da vila correram para apanhar as suas próprias latas.
Uma moça esbelta, no entanto, com olhos grandes e escuros, trazia nos braços uma estatueta que propunha trocar por alimento, ao invés de aceitar esmolas. Em vagaroso e preciso inglês, ela explicava isso a um grupo de soldados.
De repente, o seu irmão, que mais tarde Phillip viria a saber se chamava Mário, com a manga direita do casaco vazio, enfurecidamente caminhou para ela.
— "Teresa! Que negócio é êsse?" — sem dar ouvidos à sua explicação, êle a segurou: — "Vamos!"
Phillip ainda a estava olhando quando foi avisado para se apresentar ao Sargento Brown, que lhes mostraria onde permanecer aquela noite.
Brown, um sujeitinho insignificante, estava sempre pronto a enfurecer-se com aquêles que eram incapazes de defender-se. Conduzindo-os através da praça, êle se dirigiu a uma pequena casa, dando um selvagem pontapé na porta. Dentro se encontrava um tenso grupo, composto por Teresa e a sua família.
Brown se dirigiu a êles àsperamente.
— "Vocês têm companhia hoje à noite." — Antes de sair aconselhou aos rapazes: — "Se êsses italianos os incomodarem faça-os dormir no chão."
Sabendo, contudo, que sòmente havia um quarto, Phillip e seus dois companheiros insistiram em dormir no chão êles mesmos. Num instante a atmosfera se tronsformou em amizade. A mãe de Teresa, u'a mulher exageradamente gorda, lhes trouxe cobertores e colchas. Sorrindo, desejou-lhes uma boa noite.
Enquanto os seus companheiros dormiam, Phillip se manteve acordado, pensando na moça chamada Teresa. Por fim, ergueu-se e se dirigiu à praça, onde acordou o cozinheiro e trocou o seu relógio por uma dúzia de latas de ração C.
Voltando à casa, colocou as latas dentro do quarto da família sem saber que, no entanto, Teresa o vira...
Na manhã seguinte, depois de um exercício, o Sargento Dobbs chamou Phillip em particular:
— "Você não gosta de lutar, gosta? Você é da espécie de gente que tem de ficar com raiva primeiro e eu lhe vou ensinar como." — Segurando o nariz de Phillip num apêrto agonizante, deu-lhe uma dúzia de pancadas. — "Vamos! Enfureça-se! Lute contra mim!"
Repentinamente, selvagemente, Phillip se zangou, perdendo a calma e atacando Dobbs com golpes que o fizeram perder o equilíbrio. De seus punhos saiu uma avalanche de murros.
— "*Okay*!" — gritou Dobbs. — "Guarde alguns dêsses para o inimigo!" — sorrindo, êle despenteou os cabelos do rapaz. — "Duro, hein?"
Phillip encontrara o seu herói. Naquele momento, êle acreditou que havia sido miraculosamente transformado em um soldado intrépido e audacioso.

★

Foi Dobbs, o grande herói de Phillip, quem o mandou juntar-se a um grupo de outros GI que se dirigia a uma fonte existente na praça. Isso se repetia diàriamente quando o sol começava a se pôr, escondendo-se atrás das montanhas, e os soldados iam flertar com as moças da vila.
— "Não me volte casado, ouviu?" — advertiu-o Dobbs, pestanejando amigàvelmente.
Ao chegar ao local, Teresa fugiu das garras de um outro soldado e correu para Phillip, como se o estivesse encontrando por compromisso. O sorriso da singela moça era como o dourado crepúsculo italiano; sob êle, o seu acanhamento desapareceu e êle se viu falando com a facilidade que sempre invejara em outros.
Quando, ao levantar o balde de água que ela enchera, ela anuciou em voltar para casa,

TERESA

(Cont. da pag. 11)

Phillip insistiu em levá-la. Chegando à casa da moça, êle sugeriu:
— "Talvez pudéssemos dar um passeio ou..."
— "Você precisa pedir à minha mãe primeiro" — ela pôs a mão na bôca imediatamente. — "*Dio Mio!* Como é o seu nome?" — suavemente ela repetiu o seu nome, usando o italiano Filipo.
Mário, seu irmão, vetou a idéia de um passeio, mas a sua mãe, audaciosamente, sugeriu um compromisso. O irmão mais novo, Sérgio, poderia acompanhá-los. — "Êle caminhará atrás e os vigiará..."
Isto êle fêz religiosamente, enquanto êles passeavam pelos bosques vizinhos e Phillip não teve má intenção alguma ao lhe jogar uma moeda. Mas êle não compreendeu bem que o americano estava sendo camarada e, por isso, deixou-os a sós...
— "Você sente falta de seu lar, Filipo?" — perguntou Teresa.
— "Sinto falta de minha mãe" — respondeu êle brevemente.
Talvez — ela murmurou — êle também sentisse falta da moça cujo retrato trazia. Pois qual o soldado que não trazia com êle o retrato de uma moça?
— "Deixe-me vê-la" — pediu ela.
Sorridente, êle abriu a bôlsa e ela exclamou:
— "Não tem nenhum retrato!"
— "Não existe nenhuma moça" — era a sua vez de perguntar. — "Você está apaixonada, Teresa? Comprometida?"
Ela não estava comprometida, pois não se apaixonara por nenhum dos poucos rapazes existentes na vila. Para ela não era direito casar sem amor, pois êsse é o maior presente que u'a mulher pode ofertar a um homem. Jovem como era, pensava assim.
— "Você é pràticamente uma criança" — exclamou êle.
— "Da mesma maneira como você..." — retrucou ela.
Aquela noite êle a deixara em casa e voltando em direção ao acampamento, atravessava a praça, quando uma voz curta e afiada parou abruptamente os seus sonhos.
— "Cass, onde você andava metido?" — Era Dobbs. Êles deviam partir sem demora numa patrulha de combate.

★

Em nenhum tempo depois pôde Phillip lembrar-se dos acontecimentos que se seguiram, exceto em fragmentos como partes de um delírio. Primeiro houve a silente marcha dentro da noite, o sufocante frio do mêdo que se acumulara em sua garganta de modo que êle mal pôde perguntar a Dobbs:
— "Até aonde vamos?"
— "Até as linhas inimigas. Está vendo aquela montanha em nossa frente? Vamos preparar uma emboscada em seu pé e apanhar as patrulhas inimigas que descerem" — notando o mêdo do rapaz, êle o aconselhou: — "Descanse, garôto!"
Brevemente, Dobbs deu instruções para o pelotão se espalhar em forma de leque. A Phillip êle deu ordens especiais:
— "Esconda-se aqui e espere. Quando os vir aproximando-se, fique certo de que êles passem por você. Então dê um tiro por cima de suas cabeças. Será o sinal para começarmos a atirar."
Phillip correu atrás dêle, murmurando desesperadamente:
— "Dobbs, eu não creio que possa matar alguém!"
Dobbs pôs a mão em seu ombro, reassegurando-o. Então, para deixar atrás parte de sua presença confortadora, tirou o cache-col de lã de seu pescoço, pondo-o no do garôto.
Mas o terror regressou multiplicado várias vêzes nos momentos que se seguiram. Isto não era nenhuma manobra de exercício. Tratava-se de uma guerra e esperavam soldados inimigos para os exterminar.

Todos os componentes do pelotão se ergueram involuntàriamente ao ouvir o som de pés que marchavam na estrada, avisando-os da vinda do inimigo. Phillip, no entanto, não se manteve agachado. O histerismo se acumulara dentro dêle. Como um ser demente, êle começou a correr, gritando frenèticamente:
— "Dobbs! Dobbs! *Dobbs*!"
Agindo desta maneira, deu a posição ao inimigo. A face de Brown estava visivelmente retorcida na escuridão da noite quando êle gritou:
— "Dê-me êste rifle!"
Mais uma vez Phillip gritou:
— "Dobbs!"
Então caiu na relva, no momento exato em que se iniciava a troca de tiros.
Ao voltar a si já era dia claro e se encontrava na enfermaria de um hospital. Instantânea e amedrontadamente, êle foi logo indagando:
— ""Dobbs... está bem?"
O soldado que se encontrava na cama vizinha respondeu sucintamente:
— "*Êle está morto.*"

★

Durante o mês em que êle permaneceu no hospital foram as doces recordações de Maria que tornaram suportáveis todos os minutos que o ponteiro do relógio marcava. Contudo, ela talvez o menosprezasse após receber a carta, na qual êle relatava o que fizera.
Quando, no entanto, êle foi licenciado do hospital, e se dirigiu a ela, sòmente havia compaixão e compreensão em sua bela face. Com uma sabedoria que se aprofundava muito além de sua idade, ela disse:
— "Você precisa aprender a perdoar-se."
Êle a tomou em seus braços e por um momento os dois permaneceram silenciosos, como que saboreando cada segundo daquele abraço.
— "Como você é franzina! Como um pequenino rouxinol!" — êle disse finalmente. — "E ainda muito jovem."
Os dois foram unidos pelos sagrados laços do matrimônio em uma pequena e solene cerimônia celebrada pelo capelão do exército. E em Sienna, os dois passaram a curta e mágica lua-de-mel.
Depois de meses de lutas e dias de sacrifício a guerra chegou ao seu término. Phillip recebeu ordens para regressar aos Estados Unidos sòzinho. Mais tarde, Teresa se juntaria a êle.
— "Estou com mêdo, Filipo! Fique na Itália" — implorou ela.
Êle apertou-a em seus braços.
— "Não seja bobinha, Rouxinol!" — a sua dependência lhe dava uma sensação de autoconfiança. — "O exército se encarregará de tudo. Êles lhe dirão o que fazer e quando partir. E não se esqueça que existem outras noivas de guerra tão amedrontadas como você."
Ao confortar os seus medos, Phillip esqueceu-se daqueles que lhe pertenciam e o dominavam. Nem êle se permitiu em pensar em sua mãe, com o seu estúpido senso de posse e seu ciúme sem par.

★

A campainha da casa dos Casses tocou demoradamente. Foi Susan quem veio abrir a porta e gritou alegremente: "Phillip!", mas quando Mrs. Cass viu que era o seu filho, gritou nervosamente para a filha; empurrando-a para o lado:
— "Acenda a luz que eu desejo vê-lo! Meu filhinho! *Meu filhinho!*"
O fracassado Mr. Cass apareceu imediatamente, emergindo do quarto e com os olhos cansados iluminados pela felicidade do regresso do filho. Quando êle tentou beijá-lo, Phillip se afastou para trás, entregando-lhe a mão.
Nem por um instante Mrs. Cass deixou o filho sòzinho. Ela falava incessantemente.
— "Como senti a sua falta! Passei noites acordada, preocupada e com mêdo que você se envolvesse com alguma mulher por lá... e quando você caminhou para aquela porta *sòzinho...!*"
Certamente, era aquêle o momento para êle anunciar o seu casamento. Mas Phillip não conseguiu juntar a coragem necessária. Não era êsse o momento propício, êle pensou. Primeiro, arranjaria um emprêgo...
No "breakfast" à manhã seguinte, êle anun-

ciou a sua intenção de procurar um emprêgo imediatamente dizendo:

— "Se eu não fizer agora, nunca o farei."

— "Que você quer dizer... nunca o fará?" — a voz de Mrs. Cass era indulgentemente severa. Se ela tivesse discutido ou proibido, teria sido mais fácil. Mr. Cass estava pondo manteiga em uma torrada para Phillip e ela se voltou selvagemente para êle. — "Êle não é nenhuma criança... Deixe-o pôr manteiga em seu próprio pão" — sòmente ela queria o privilégio de cuidar do filho, com um mórbido egoismo materno.

— "Eu sei que êle não é nenhuma criança; estou apenas satisfeito porque êle está de volta" — respondeu amargamente Mr. Cass.

A sua espôsa o ignorou completamente, continuando a dirigir-se ao filho:

— Querido, faça-me um favor. Não nos roube o prazer de tê-lo em casa novamente" — ela suspirou emocionadamente. — "O tempo já foi longo de mais."

Susan, que estivera olhando o mano pensativamente, finalmente, exclamou:

— "Phil, você é *simpático!* Admiro-me de você não se ter enforcado por lá."

— "Enforcado?" — resmungou Mrs. Cass. — "Êle não ousaria fazer uma coisa dessas, pois eu lhe quebraria o pescoço!"

★

O modo de vida em que Phillip estava enraigado já estava muito profundo para mudanças. Era como se se quisesse arrancar do chão uma árvore cujas raizes já se firmaram no solo, espraiando-se em tôdas as direções. Phillip, apesar de tudo, fêz diversas tentativas para conseguir um emprêgo, mas quando viu que os seus esforços eram baldados, desistiu da procura.

Êle sentia saudades infindas de Teresa. Contudo, enquanto se escoavam os dias e semanas, êle não conseguira a coragem necessária para anunciar o seu casamento à familia. Tinha mêdo da reação da mãe, tinha mêdo de não conseguir um emprêgo, tinha mêdo dos acontecimentos que se seguiriam à chegada de Teresa. Tinha mêdo de... tinha mêdo... tinha mêdo de tudo. Em seu ser sòmente parecia haver compartimentos para medos. A coragem para realizar qualquer coisa era um fator desconhecido de Phillip.

O seu mêdo era tanto que chegara até mesmo a esconder a fotografia de seu casamento com Teresa em cima da estante. Mas, algumas semanas depois, enquanto sua mãe espanava a estante, descobriu a fotografia acidentalmente. A potência de seu histerismo era aterrador. Quando se acalmou um pouco e deixou de gritar, ainda murmurava roucamente:

— "*Não a traga aqui!*"

Mas, nesse ponto, êle foi firme. Se não vinha viver com sua mãe, iria viver sòzinho. No dia da chegada do navio de Teresa, no entanto, Mrs. Cass dava a impressão de haver mudado de idéia. E, porque agora era mais fácil acreditar no que êle desejava acreditar, Phillip não se preocupou em examinar mais aproximadamente sob a superficie a aparente mudança de coração de sua mãe.

No entanto, apesar da apaixonada alegria de seu primeiro encontro com Teresa, no táxi, êle sentiu-se como se a sua mãe estivesse sentada entre os dois, separando-os. Talvez fôsse simplesmente aquêle olhar de Mrs. Cass antes de êle sair de casa, pois o ódio que se encontrava atrás daquele par de velhos olhos lhe chegava ao âmago da alma.

Mr. Cass lhes abriu a porta, dando as boas-vindas a Teresa carinhosamente. Tomou as mãos da moça e disse, falando sinceramente:

— "Quero que você faça o meu filho o homem mais feliz do mundo!"

A sua mãe emergiu do quarto e os cumprimentou de uma maneira irreprimivel.

— "Puxa! Como você é *bonita!* Muito mais engraçadinha do que na fotografia!"

Acanhadamente, Teresa agradeceu. Phillip tomou o seu braço:

— "Venha... vou mostrar-lhe o nosso canto do Paraiso. E' um pouco pequenino, mas é..."

Parte da cozinha estava separada por um biombo para êles, a fim de esconder uma cama e um cabide para roupas. Mas agora êle notou que as roupas no cabide pertenciam a sua mãe.

— "El... que idéia é essa?" — êle protestou.

— "Mamãe pensou que Teresa ficaria mais confortável no quarto comigo" — respondeu sêcamente Susan.

Quando se confrontou com Mrs. Cass, esta respondeu, completamente natural, com o tom mais inocente dêste mundo:

— "Pensei que você quisesse que Teresa ficasse *confortàvelmente...*"

Ela parecia tão interessada no bem-estar de Teresa, que êle quase foi convencido. Mas Teresa não era da mesma opinião, e falou suave mas firmemente:

— "Quero ficar com você, Filipo."

Depois de uma breve pausa, Mrs. Cass disse, suspirando magoadamente:

— "Eu estava apenas tentando ajudar. Vocês não podem culpar-me por isso."

Phillip fêz o possivel para lhe explicar que ninguém a culpava por isso.

Teresa nada disse, mas à noitinha, enquanto ela e Filipo se encontrávam a sós no escuro telhado da casa (o único lugar onde poderiam conversar particularmente), ela perguntou quietamente:

— "Filipo, quando teremos a nossa própria casa?"

— "Não se pode encontrar um lugar atualmente sem gastar uma porção de dinheiro. Primeiro, preciso ter um emprêgo..."

— "Você não tem nenhum emprêgo?"

— "*Tentei* encontrar um..."

Os olhos escuros de Teresa procuraram a sua face:

— "Voce está diferente."

Êle sucumbiu ante o olhar de sua jovem espôsa.

— "Parece que não me posso *fazer* qualquer coisa mais. E' como se eu novamente fôsse um estudante de ginásio e os três últimos anos nunca tivessem acontecido."

— "Precisamos crescer agora, Filipo" — disse ela sòbriamente.

★

Na superficie, pareceria extremamente cruel culpar Mrs. Cass pelo fato dêle não manter o emprêgo que conseguira... ou o próximo, pois ela nada fêz ou disse qualquer coisa que se pudesse citar.

No entanto, Teresa compreendia. Mas, amando Phillip da maneira que o amava, mante-ve silenciosa. Até o dia em que se encontraram no parque e êle havia perdido um terceiro emprêgo, por se ter esquecido de pôr no correio algumas cartas importantes.

— "Tôda vez você está atrasado ou comete um êrro. Você arranja um emprêgo e trabalha assidua e conscienciosamente e quando já temos *quase* bastante dinheiro para comprar uma casa você o perde novamente" — ela perdeu o contrôle e gritou: — "Quando é que vamos nos livrar dela com niqueis?"

— "Que tem ela a ver com o caso?"

— "Nada" — respondeu Teresa, com a voz conduzindo tôda a sua miséria.

Contritamente, êle pôs a sua face contra a dela.

— "Lamento muito" — êle murmurou. Em seguida, apanhou uma série de anúncios e tirou a sorte dentre êles. Alguém necessitava de um vendedor de uma panela de pressão. Certamente êle podia fazer isso.

Êle aprendeu a conversa do vendedor de cor e, tendo sua mãe e Teresa como platéia, êle ensaiou os seus argumentos e *por quês* do produto. Mas Mrs. Cass sorriu com uma tolerância materna.

— "Você nunca será um bom vendedor, filhinho!"

Imediatamente, a sua autoconfiança desapareceu. Foi como se lhe tivessem atirado água fria ao rosto. O seu entusiasmo arrefeceu e êle nem ao menos ligou ao encorajamento de Teresa:

— "Êle será um *ótimo* vendedor."

— "Não sei por quê você está todo o tempo empurrando-o!" — protestou Mrs. Cass.

Era a coisa mais efetiva que ela poderia ter dito.

Quando êle saiu, com dúvidas visiveis em

Coluna do fã

DUPLAS ROMANTICAS

Os filmes americanos sempre exploraram com êxito de bilheteria, filmes românticos com duplas que fizeram sucesso sem par. Era bastante um casal romântico cinematográfico agradar em determinado filme, para ser motivo suficiente para uma série de filmes com aquêles artistas. Isto vem desde o tempo de Ronald Colman & Wilma Banki, Thomas Meigan & Lila Lee, Clara Bow & Richard Arlen, Gloria Swanson & Walace Reid, Charles Farrel & Janet Gaynor, até Fred Astaire & Ginger Rogers, Irene Dunn & Fred Mac Murray, Carole Lombard & George Raft, Joan Grawford & Gable, Tone, Montgomery, Greta Garbo & Gilbert, até os mais recentes de Nelson Eddy & Jeanet Mac Donald, Ricardo Montalban & Esther Williams.

Dentre tôdas estas duplas as que ainda são lembradas com carinho são as de Janet Gaynor & Charles Farrel, lembram-se de «Deliciosa», «7º Céu», «Anjo das Ruas», «Mary Ann», «Um sonho que viveu», etc. Janet Gaynor sòzinha sempre fêz sucesso, pois apareceu em «Papae Pernilongo», «Aurora», «Nasce uma estrêla», «Garôta do interior», ao lado de Warner Baxter, George O'Brien, Frederic March e Robert Taylor. Entretanto, Charles Farrel sem a sua mignon companheira não conseguia sucesso; filmes que fêz isoladamente como «Principe Fazil», «Lilion», «4 Diabos», não conseguiram firmar o seu nome.

Outra dupla perfeita era formada por Ronald Colmann & Wilma Bank. Êstes fizêram filmes ousados na United Artists «Espôsa e Amante», «Irmã Branca» (não confundir com o filme de Helen Hayes). Wilma Banki, muito bonita, fracassou inteiramente no cinema falado, hoje vive ao lado do seu marido e ator Rod La Roque, deve ser uma das milionárias da capital do cinema. O seu casamento foi o mais famoso em todos os tempos na colônia cinematográfica. Falarmos de Ronald Colman não será preciso; êle aparece constantemente em vários filmes, sempre como primeira figura.

Em terceiro lugar, colocarei Greta Garbo & John Gilbert. Quem não se recorda de «Ann Christie», «Rainha Christina»; sòmente «Rainha Christina» bastaria para celebrizar. Entretanto, John Gilbert viveu com a grande Garbo idilios memoráveis nos filmes em que apareceram juntos. E fora da tela também. John morreu muito cêdo, e Garbo ainda continua como a estrêla máxima do cinema.

Gloria Swanson fêz com Walace Reid filmes como «Macho e Fêmea», «Aventuras do Anatólio», «Marido, mulher e espôsa». Walace Reid formou duplas com Bebe Daniels, com Lila Lee, com Dorothy Davenport, mas a melhor foi formada com Swanson e tinha sempre como suporte o másculo Thomas Meighan.

Das recentes, Fred Astaire & Ginger Rogers, em filmes como «Alegre Divorciada», «Voando para o Rio», «Picolino», «Irene e Vernon Castle; Jeanet Mac Donald & Nelson Eddy, em filmes como «Oh! Marieta», «Rose Marie», «Primavera». E, ùltimamente, o guapo Montalban com Cid Charisse, e o mesmo Montalban com Esther Williams.

Existiram muitas outras duplas que fracassaram, outras que ainda continuam sem alcançar sucesso. Até o cinema europeu imitou com alguns pares sem atin-

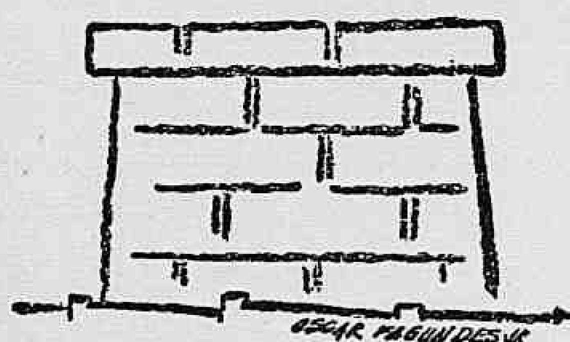
(Cont. na pág. 24)

Uma cousa...



... exige outra





Polvilho Antisséptico
GRANADO



suas feições, Teresa encarou a sua sogra:

— "A senhora não o deixará pensar que êle pode fazer coisa alguma!"

Mrs. Cass sorriu sem graça:

— "O filhinho não poderia vender balas a uma criança!"

— "Êle poderia, se a senhora o deixasse!"

— "Agora que estamos sendo tão francas" — disse vagarosamente Mrs. Cass — "você está grávida, não está?" — a sua voz continuou, enquanto Teresa dizia que não havia falado sôbre o assunto nem mesmo a Phillip. — "Mas eu não nasci ontem. E posso dizer que êle está mais preparado para isso do que estava quando casou com você. Não dará certo, querida!"

Logo que Teresa viu o rosto de Phillip quando êle voltou do emprêgo, compreendeu que o havia perdido novamente. Mas a família estava preparada para passar a noitinha em Jones Beach e ela não fêz perguntas. Finalmente, quando já não se podia conter, perguntou-lhe o que havia acontecido.

— "Deixe-me em paz!" — redarguiu Phillip, enfurecido.

Quando êle voltou a casa àquela noite, embriagado, encontrou Teresa no telhado.

— "Quero que você me leve daqui... agora mesmo... agora à noite" — lhe disse ela desesperadamente. — "Estamos perdendo-nos mùtuamente. Podemos ir agora para..."

A agitação de Teresa teve o efeito de torná-lo sóbrio. Por um momento êle quase cedeu ao seu pedido. Então, lembrando-se de sua mãe, êle exclamou, num tom familiar de derrota:

— "Isto mataria mamãe. Ela *precisa* de mim."

— "Eu preciso de você, também!" — a voz de Teresa tremeu. — "Vou ter uma criança."

Houve um terrível momento de silêncio, que êle quebrou, gritando selvagemente:

— *"Você não pode ter uma criança!"*

— "Você está com mêdo de que a sua mãe não goste! Você tem mêdo de crescer!"

Phillip lhe deu as costas.

— "Pelo que me concerne, você pode sair e perder-se em algum lugar da cidade, onde poderá ter o seu filho..." — ela estava horrorizada ante estas palavras. Êle a segurou, meio soluçando: — "Eu a amo!" — mas, por mais que ela pedisse para levá-la para algum lugar longe de sua mãe êle simplesmente disse:

— "Não posso, querida. Não... *posso!*"

★

Talvez êle não compreendesse o quanto a amava e o quanto dela carecia. Os dias vazios continuaram. A sua mãe redobrou os seus cuidados, mas sentia que estava tratando com um estranho.

Contudo, quando a sua confusa amargura conduziram os seus pés novamente ao escritório de Frank, foi de seu pai que êle primeiro falou:

— "Sou como êle. O frouxo n. 2."

Então, sùbitamente, como uma luz banindo a escuridão, como uma fresca brisa limpando suavemente os cantos cheios de teias de aranha e escuros de sua mente, veio a compreensão:

— "Ela me *fêz* como êle! Ela quer manter-me sempre uma *criança*, pois êsse é o único meio capaz de evitar que eu me afaste. Se eu estivesse sòzinho, teria uma oportunidade como os outros..."

O rosto nervoso que Phillip virou para Frank ainda estava tenso. Mas a confusão desaparecera e os olhos estavam claros.

— "Repentinamente, compreendo o que tenho a fazer. E o que é mais engraçado, parece-me que sabia disto há muito tempo."

Voltando a casa, êle arrumou as suas coisas quase febrilmente, com seu pai instando-o a apressar-se ainda mais, para já ter ido antes de ela voltar. Estranhamente, Mr. Cass não mais parecia um palerma. Quando a sua espôsa voltou, tentando usar de todos os truques que conhecia para fazê-lo ficar, foi êle quem disse:

— "Saia *agora*."

Também foi o seu pai quem o procurou mais tarde na Associação Cristã dos Moços e lhe comunicou, sorrindo:

— "Teresa quer você."

Pois sòmente êle sabia onde ela se encontrava, trabalhando em um armazém italiano. E aquela manhã o hospital lhe tinha notificado o nascimento de seu neto

Teresa dormia quando Phillip se debruçou sôbre a sua cama e sussurrou:

— "Alô, magricela!" — abrindo os olhos ante o som de sua voz, muito firme, vendo os novos olhos vivos, ela sorriu radiantemente:

— "Obrigada" — Teresa murmurou.

(Tradução e adaptação de Antônio Rocha)

«DUPLAS ROMANTICAS»

girem o grau de popularidade dos colegas americanos também conseguiram agradar. Lilian Harvey & Will Fritsche, Gustav Frolich & Lida Barowa, Grigt Helm & Will Fritsche, Kate von Nagy & Will Fritsche, etc.

Até em duplas masculinas o cinema americano sempre conseguiu melhor sucesso, haja vista as formadas por Vitor Mac Laglen & Edmund Lowe, Jack Holt & Ralf Graves, Thomas Meighan & Walace Reid, John Wayne & Randolf Scott, e Waine & War Bond, sem falarmos de Errol Flynn & Basil Rathbone, Errol Flynn & Alan Hale.

A Metro Goldwyn Mayer em um só filme juntou várias duplas como Garbo & Barrymore, Joan Grawford & Walace Berry, Jeen Harlow & William Powell, e uma dupla masculina formada por Lewis Stone e Lionel Barrymore, no filme «Grande Hotel», lembram-se? Mas isto é como diz um dos cronistas de «A Cena Muda», são outros quinhentos cruzeiros.

Os filmes continua, as duplas sempre aparecem, mas nenhuma com a popularidade das que citei acima, e que foram os bandeirantes dos filmes em duplas.

A televisão parece-nos que está se vingando do cinema falado e como já fêz de Wolliam Boyd (o famoso Hopalong Cassidy) uma das suas maiores figuras, resolveu contratar Janet Gaynor & Charles Farrel para reviverem os seus grandes sucessos. Eu como fan da velha guarda, só posso desejar a veteraníssima dupla os maiores sucessos na T.V. E seria um prazer, se eu pudesse rever esta dupla que fez sucesso há vinte anos atrás em filmes deliciosos. Janet Gaynor bem que poderia dividir o tempo entre Adrian, famoso figurinista da Metro (seu espôso) e o cinema. Pois os seus fans ainda guardam o seu lugar com carinho. Volte Miss Gaynor, pois o cinema americano não conseguiu arranjar uma «Gata Borralheira» como você. O seu lugar ainda está vago por falta de substituta.

DURVAL FONSECA

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 - Rio de Janeiro

- - - - - - - - - - - - - - - -

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

CINEMA BRASILEIRO

(Cont. da pág. 7)

dade e considerável fôrça no tratamento a que os realizadores submetem o ambiente espêsso e singularíssimo em que transcorre. Mas, além da inutilidade do tema, da expressividade dos intérpretes, Eliana Lage e Abilio Pereira de Almeida, e dos virtuosismos da fotografia e iluminação, o filme possui valor pela sua segura aproximação em linguagem, música e caras humanas, à um rico e inexplorado folclore americano. Não é acertado atribuir a Cavalcânti esta plausível orientação."

O jornal "El País", um dos órgãos mais importantes da imprensa uruguaia, fêz, a nosso ver, a crítica mais perfeita sôbre o filme "Caiçara":

"Com grande curiosidade, o público foi presenciar esta demonstração do que podia atualmente faze. Cavalcânti com uma incipiente indústria cinematográfica como a brasileira e igualmente ocultando a esperança que sempre se deposita no novo, no desconhecido. O filme enfoca uma pequena povoação de pescadores no litoral brasileiro. O nativismo e a natureza gravitam inevitàvelmente como fôrça primordial na expressão do filme. E êstes elementos são os que dão a "Caiçara" seu exotismo e sua originalidade. A fotogênica beleza da costa e da paisagem brasileira não exigem maior técnica a Alberto Cavalcânti para obter notáveis efeitos visuais e momentos fotográficos de grande qualidade. Mas é evidente que não se pode admirar um filme completo sòmente pela sugestão e a beleza com que nos brindam seus exteriores e a novidade que significam os caracteres e costumes de uma região nunca descoberta pelo cinema. Um filme completo e realmente bom, deve ser muito mais que isso. Deve existir uma perfeita e sólida unidade entre o meio e seus personagens, entre as imagens e o diálogo. Cavalcânti, nos introduz num mundo por de mais atraente e misterioso. Nos envolve no primitivismo e na superstição, porém, não controla devidamente a seus personagens, que escapam aos ditames do meio. Ditos personagens são coibidos por conflitos postiços e não parecem movidos pelo impulso de fôrças naturais. Suas paixões não são ditadas nem controladas pela nua austeridade do meio, senão algo forçadas e carregadas de comum sexualidade.

"Atuam sempre isolados e jogam com os episódios sem parecer movidos por influências diretas. O meio e a natureza falam também sua própria linguagem, sem parecer ligados às inconformidades humanas. Nesta falta de unidade radica a fraqueza desta obra de Cavalcânti, que mantém isolados os elementos que mais devia procurar para impor o que é mais forte no primitivismo dessas regiões. O homem e a natureza não devem separar-se, pois os mistérios de um só podem ser explicados pelo outro. Cavalcânti não move as imagens com a desenvoltura esperada e as que mais assim se apresentam dão a impressão de não procurá-la com preocupação. Na grande fotografia que exibe o filme só existe uma objetividade que, muitas vêzes, apesar de sua beleza, chega a ser o principal motivo da falta de coesão entre o jôgo de elementos. Por falta de ductilidade o filme abusa e recalca as perseguições de que é vítima a protagonista por parte do marido e de um homem que a deseja. O filme acredita transmitir, com esta desenfreada fúria de paixões, o adequado clima de selvagismo e sexualidade. Mas isso teria sido possível se o tratamento cinematográfico dessas cenas houvesse contido um virtuosismo do qual carece em absoluto. Se as cenas tivessem cumprido uma missão menos rudimentar na expressão dos desejos e da violência. Em cenas isoladas, a câmara consegue momentos muito bons. Por exemplo, quando o garôto, que gosta da protagonista, cai apunhalado por um homem, em feroz luta, cujo fundo é um rito guerreiro, executado por nativos. A cena em si mesma é extraordinária pela sua fôrça e seus efeitos fotográficos, mas torna a repetir a incoerência de outros momentos do filme. O autóctono e o costumbrista mantêm sempre planos laterais e parecem intercalados forçosamente em meio do conflito dos personagens centrais.

Cavalcânti não conseguiu adaptar o meio à uma função cinematográfica ou não tem sabido introduzir a ficção em hostis muralhas naturais da costa brasileira. A cena descrita antes parece um maravilhoso momento extraído de um noticiário, mas não possui continuidade, nem está elaborada no "crescendo" de um desenvolvimento dramático. Tempo tem de sobra Cavalcânti para adaptar o cinema à fecunda vida natural do Brasil e quase com segurança se pode esperar sua obra-mestra nessas latitudes. Mas a "Caiçara" ainda falta muito para sair vitoriosa, apesar de sua virginal beleza panorâmica."

"El Dia", outro importante jornal de Montevidéu, falando sôbre "Caiçara" limita-se a narrar seu argumento e finaliza dizendo: "...A obra nos vai indicando que assistimos ao nascimento de uma verdadeira e bem orientada emprêsa de cinema (esta é a primeira produção) e suas possibilidades são infinitas porque o Brasil é talvez o país mais inexplorado em suas belezas naturais e o que permanece mais separado do resto da América pelo seu idioma e o que, pelo seu desenvolvimento industrial e sua história tão teatralmente impregnada de grandes acontecimentos, pode conduzir aos homens de cena e escritores a dar-nos uma produção universal e superior. — (As.) R.F.M."

Eterna
ILUSÃO
(RENDEZ-VOUS DE JUILLET)
UMA HISTÓRIA ANGUSTIANTE e ESPERANÇOSA!
com
NICOLE COURCEL
DANIEL GELIN
DIREÇÃO DE
JACQUES BECKER
PROIBIDO ATÉ 18 ANOS
COMPL. NACIONAL
PATHE
FONE 22-8795
ALVORADA
LEME
PARATODOS
FONE 29-5191
HOJE

Publicidade para a
REVISTA DA SEMANA
em São Paulo
Tratar com
JARBAS DE FREITAS GALVÃO
RUA DA CONCEIÇÃO, 58 — 1º ANDAR — SALA, 102 — FONE 36-6718

FERRO ARSYLOSE
Mãe zelosa! Seu filho é magro, pálido, sofre de fastio? Dê-lhe FERRO ARSYLOSE, o remédio indicado pelo Dr. Wittrock. Contra fastio e anemia, só
FERRO ARSYLOSE
Pedidos do interior a ARAÚJO FREITAS & CIA.
Rua Conselheiro Saraiva, 41-41-A — Rio de Janeiro

Rádio

ARMANDO MIGUEIS

"CONVITE AO DEBATE"

A Rádio Clube vive meio apagada. Não fôssem uns três ou quatro programas, não se poderia emprestar maior importância à veterana emissora que, em tempos idos, estêve na liderança do "broadcasting" brasileiro. Com apresentações mediocres, sem um "cast" que possa valorizar os minutos gastos em ouvi-la, a PRA3 vai arrastando-se por êsse mundo de Cristo à espera de melhores dias. Mas, enquanto êstes não chegam, a turma dos abnegados "dá murro" para atrair os radiouvintes, utilizando-se dos recursos disponiveis na casa. Por isso, as raríssimas realizações audíveis da Rádio Clube do Brasil merecem a atenção da crônica especializada.

"Convite ao Debate", por exemplo, enquadra-se entre o que de bom ainda existe no prefixo A-3. Não dispondo dos elementos de um "Conversa em Familia", nem por isso o programa de Walter Luis perde em qualidade. Abordando assuntos de real interêsse para a coletividade, êsse cartaz da PRA-3 consegue, indiscutivelmente, mobilizar a atenção de apreciável número de sintonizadores. Isto, aliás, é obtido sem a necessária publicidade, o que realça, ainda mais, o mérito da iniciativa de Walter Luis, elemento jovem nas lides radiofônicas, mas com um futuro promissor.

"Convite ao Debate" venceu a primeira etapa de sua existência a serviço da causa pública. Fê-lo com a simplicidade que caracteriza seu próprio organizador. Talvez por êsse motivo é que o acontecimento não tenha chegado aos ouvidos de muitos. Walter Luis preferiu continuar na luta silenciosa que, desde 1950, vem travando. Limitou-se, ùnicamente, a convidar alguns amigos para um "drink", a fim de festejar a efeméride. Embora convidados, não comparecemos. Preferimos compartilhar, como ouvinte, do aniversário. Ficamos de fora torcendo para que o programa não se interrompa, tais os benefícios que êle presta, difundindo e debatendo problemas ligados à coletividade.

SETE NOTÍCIAS AVULSAS

Luis Americano constituiu, por mais de uma década, a grande atração da Mayrink Veiga. Seu saxofone fazia furor, tal como acontece, no momento, com o cavaquinho de Waldir Azevedo. Mas, veio o período de penúria na PRA-9. O músico aborreceu-se com a situação, indo bater à porta do Ministério do Trabalho. Ganhou na primeira instância. A Mayrink recorreu para o T.R.T. Este, porém, confirmou a sentença, dando ganho de causa a Luis Americano que, dêsse modo, vai embolsar 76 mil cruzeiros. ★ Berliet Júnior, agora em franca atividade na TV Tupi, voltou a produzir para o teatro. Em parceria com Mateus da Fontoura, êle escreveu "Avalanche", peça que Procópio Ferreira encenará na sua próxima temporada. Trata-se de um trabalho destinado a grande sucesso, dada a técnica seguida pelo conhecido radialista. O cinema, por sua vez, continua a merecer a atenção de Berliet. ★ Emilinha Borba, a melhor cantora de música popular de 1950, recebeu o atestado liberatório da Rádio Nacional. A intérprete de "Escandalosa" firmou compromisso com a Mayrink Veiga, a fim de animar sua programação de ritmos populares. A saida de Emilinha da PRE-8 constitui, para a maioria, verdadeira surprêsa. Principalmente nesta fase, em que Vitor Costa procura reunir todos os grandes cartazes. ★ Wahita Brasil passou-se para a Nacional, após uma rápida experiência na tevê, para aonde fôra ao deixar a Guanabara. Aliás, na PRC-8, a estrêla desempenhou função de relêvo, chegando a dirigir os espetáculos de teatro-cego. Porém, com a debandada geral, Wahita preferiu acompanhar a maioria. E, quando tudo indicava sua permanência na PRG-3, ei-la assinando contrato com a PRE-8. Era uma vez as flores da Guanabara... ★ Tommy Dorsey virá ao Brasil, a fim de desobrigar-se do compromisso assumido com a Rádio Globo. ★ Chocolate é o mais recente humorista contratado pela Rádio Nacional. ★ Ramos de Carvalho fechou negócio com Amaral Gurgel, Oduvaldo Viana e Ghiaroni, para apresentar, através da Inconfidência, as histórias em capítulos produzidas por êsses novelistas. Intermediário: Luís Brunini.

CONFISSÃO ANTIGA...



LAMARTINE BABO
Sou assanhado...

Lamartine Babo, ao que tudo indicava, morreria celibatário. Daí, o espanto com que seus amigos e admiradores receberam a boa nova de seu enlace. Houve, de início, quem duvidasse da história, afirmando ser uma das muitas blagues engendradas pelo Lalá. Êle, porém, confirmou o fato, exibindo a certidão de casamento. Assim, depois de 47 anos de solteiro, entrou na vida de casado.

Há treze anos atrás, quando o matrimônio era palavra desconhecida do vitorioso criador da "Canção do dia", êle publicou um livro de versos. Neste, entre outras coisas, encontramos estas "promessas de amor" que, por serem interessantes, publicamos. Dizia o Lalá, em 1938:

Amo as mulheres tôdas excetuando
aquela que, de fato, eu sei que é minha!
O amor é assim: se o tempo vai passando,
vai carregando o amor que a gente tinha!

Amo êsse velho tempo desastrado
que desconserta o plano que se sonha...
Em matéria de amor sou assanhado,
amo tudo que vejo, sem vergonha!...

Amo o meu vício único, —o cigarro,
único amigo que, afinal, tem graça...
que apesar de não ser Ramon Novarro
beija milhões de bôcas com... fumaça!

Amo a Floresta, o Campo, amo o Jardim!
Praça Saenz Peña... Campo de Sant'Ana!
Quero a cidade do princípio ao fim,
de Cascadura até... Copacabana!

DE QUINTA A QUARTA-FEIRAS

	TITULO — EMISSORA	DIAS — HORARIOS
NOVELAS	UM HOMEM QUE NÃO É DÊSTE MUNDO Rádio Nacional	Tôdas as têrças, quintas e sábados, às 10,30
	EM CADA CORAÇÃO UM DESTINO Rádio Mayrink Veiga	Segundas, quartas e sextas-feiras, às 21,00
	NO CREPÚSCULO DA VIDA Rádio Tamoio	Têrças, quintas e sábados, às 20,30
	OS QUATRO FILHOS Rádio Tupí	Segundas, quartas e sextas-feiras, às 13,30
PROGRAMAS	RISOS E MELODIAS Rádio Mayrink Veiga	Tôdas as quintas-feiras, às 20,35
	AO REDOR DO MUNDO Rádio Ministério	As sextas-feiras, a partir das 17,05
	DEDOS MÁGICOS Rádio Nacional	Todos os sábados, no horário das 21,35
	TOQUE, MAESTRO! Rádio Tupí	Aos domingos, começando às 19,30
	ARCO-ÍRIS Rádio Tamoio	Segundas-feiras, no horário das 14,15
	TEATRO DE SONHO Rádio Globo	Tôdas as têrças-feiras, às 21,35
	UMA CARTA PARA VOCÊ Rádio Roquete Pinto	As quartas-feiras, a partir das 20,25



EMILINHA BORBA
adeus minha PRE-8



WAHITA BRASIL
nem as flôres a prenderam.

FORA DA ONDA...

OPINIÃO SENSATA — Encontramos no "Boletim Informativo" da PRA-2, estas palavras sensatas de Fernando Tude de Souza, a quem, aliás, a radiodifusão educativa muito deve: "Que grandes lições podem os políticos tirar do trabalho radiofônico das eleições... E, num país, como o nosso, incipiente nas labutas democráticas, uma verdade deve aparecer flagrante para os responsáveis pela educação — os que devem ser os mais atentos vigilantes da sobrevivência democrática do país. O rádio brasileiro, se demonstrou a mais poderosa fôrça na formação da opinião pública nacional, requer cuidados excepcionais. Não pode uma fôrça de tal ordem ficar sem orientação, sem direção, sem aproveitamento de sua potência para o bem-estar coletivo. A formação do homem do rádio no Brasil deve ser, tem que ser, como exigência dos interêsses nacionais, uma preocupação universitária. Já existe um Curso de Jornalismo. Por iniciativa nossa, copiando o que se faz em todos os centros de formação de jornalistas do mundo, foi criada a cadeira de Radiodifusão no referido curso. A experiência de um ano, com 126 jornalistas, é magnífica. Pois bem, neste momento, no momento de aproveitar a grande lição das eleições e da experiência de um ano de ensino, o Conselho Universitário resolve que a cadeira de Radiodifusão deve ser "facultativa" — uma coisa que o futuro jornalista estudará se quiser... O ato não é apenas o desconhecimento da realidade nacional. E' o desconhecimento da tendência mundial. Nós organismos internacionais, nas conferências que se sucedem em tôda parte, já não aparecem mais títulos assim: "imprensa", "rádio", "cinema", etc. Aparece um título geral: "Meios de comunicação com a massa".

OUTRA OPINIÃO CURIOSA — Freitas Guimarães, como todos sabem, radicou-se nos Estados Unidos. Hoje, participando ativamente dos programas irradiados pela "A Voz da América", êle é uma figura popular em todo continente americano. Daí, o interêsse de sua opinião a propósito da missão do rádio. Ei-la: "Sou um ouvinte assíduo e entusiasta do rádio norte-americano. Atribuo ao rádio dêste país um dos mais importantes papéis desempenhados na formação da moderna mentalidade norte-americana. Foi o radio que rompeu as cadeias do isolacionismo em que os Estados Unidos viviam agrilhoados. O rádio foi o veículo de aproximação entre as elites do pensamento e da cultura e o povo dêste país, consolidando o pensamento democrático, e projetando na opinião pública problemas que esta nação confortável e eufórica não entrevia além dos limites de seu território.

E' curioso notar, nesta época de altos avanços, um decidido retrocesso na arte do homem expressar-se. O problema da comunicação entre os sêres humanos parece haver agravado-se, apesar do tremendo aperfeiçoamento dos meios de que os homens dispõem para falar uns aos outros. Isso é o que a situação mundial nos faz concluir."



PROCÓPIO FERREIRA
Trabalhando no cinema

VENENO MAYRINQUIANO — Circula na PRA-9 um jornalzinho intitulado "O Mascarado". Trata-se, na realidade, de um órgão de revelações curiosas. Eis um dos vários venenos publicados, a que deram o título de "Três mentiras numa só verdade".

— O locutor Carlos Henrique não é feio, não é criança e... nem é locutor. (A verdade vem sempre no fim... mas vem...).

O SEGREDO DE SUA MOCIDADE

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a quéda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA:

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a embalagem verde)

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

MULTIFARMA

Praça Patriarca, 26 — 2º — sala 6
São Paulo
Remessas pelo Reembolso
A venda nas boas Farmácias

AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos



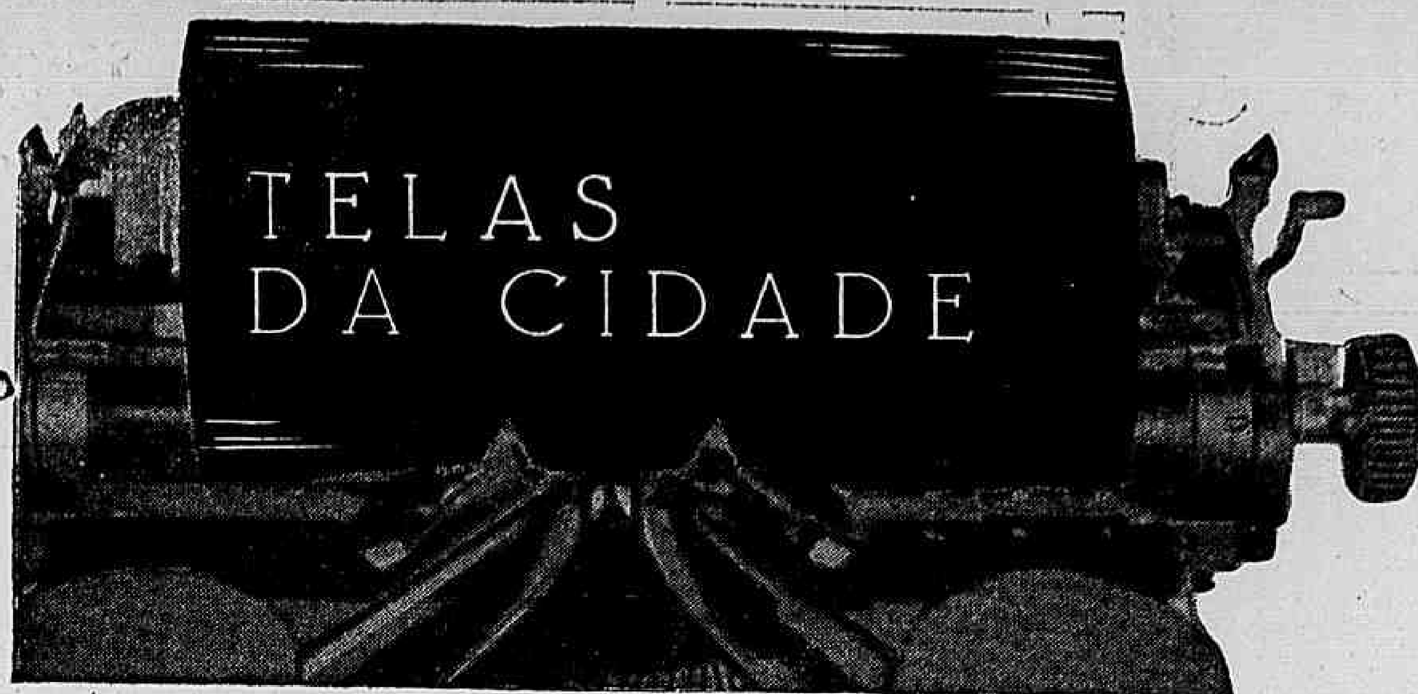
Publicidade para a
REvISTA DA SEMANA
em São Paulo
Tratar com
JARBAS DE FREITAS GALVÃO
RUA DA CONCEIÇÃO, 58 — 1º ANDAR — SALA, 102 — FONE 36-6718



O QUE VAI PELA BROADWAY

JACKSON FLORES

NEW YORK — Dos filmes estreados essa semana na Broadway, "Father's Little Dividend", lançado no Radio City Music Hall e estrelado por Spencer Tracy, Joan Bennett e Elizabeth Taylor, é o que merece, sem dúvida alguma, as honras de ser considerado como o melhor da semana. Êsse filme é uma seqüência de "Father of the Bride", estreado há alguns meses atrás e onde se contava as peripécias do casamento de Elizabeth Taylor, filha de Spencer e Joan, com Don Taylor. Em "Father's Little Dividend", as aventuras começam com o nascimento do filho de Elizabeth que, de início, é tomado de invencível antipatia pelo vovô Spencer Tracy. A história do filme é contada numa linguagem bem humorada e despreocupada e, se bem que todo o elenco tenha uma atuação excelente, o filme, porém, pertence inteiramente a Spencer Tracy, no que eu considero ser um dos seus melhores trabalhos no gênero da comédia ligeira. ★ Confesso que nunca apreciei a comicidade de Bud Abott e Lou Costello, mas não posso deixar de reconhecer que êsses cômicos conseguiram algo de aproveitável no novo filme da dupla intitulado "Abbott & Costello Meet the Invisible Man", que o Capitol está apresentando. Ingredientes do filme: Abott & Costello detectives particulares, diplomados num curso por correspondência, um lutador de box que fica invisível e um delegado de polícia em busca de um criminoso. No palco Gipsy Rose Lee, a famosa bailarina do leque, mantém a platéia na expectativa de que vai despir-se em público, mas nada acontece e os espectadores se convencem de que, para êsse tipo de espetáculos o melhor é ir à praia... ★ A exemplo das demais casas exibidoras da Broadway, o cinema Paramount está apresentando uma comédia intitulada "The Mating Season", que conta com a participação de Gene Tierney, John Lund e Thelma Ritter. Ainda não assisti a essa película, mas a crítica especializada foi pródiga em adjetivos, destacando, especialmente, o ótimo trabalho de Thelma Ritter. No show do palco, Mel Tormé provoca suspiros e Ray Anthony e sua orquestra trazem reminiscências do saudoso Glenn Miller. ★ Hollywood volta ao terreno do fantástico com a película superfantasia "The Man from Planet X", que o Mayfair está apresentando. O elenco do filme é composto de nomes inteiramente desconhecidos (provàvelmente do planêta X) e para os fãs de Flash Gordon e Buck Rogers, deverá se constituir em espetáculo de primeira ordem. ★ No Victoria, "Born Yesterday" entrou na sua décima-sexta semana de exibição e, agora, com publicidade redobrada por fôrça do Oscar ganho por Judith Holliday, estrêla do filme. ★ Não percam, quando fôr exibido aí no Brasil: "Father's Little Dividend", com Spencer Tracy, Joan Bennett e Elizabeth Taylor.



COTAÇÕES

1 - Fraco; 2 - Regular; 3 - Bom ;4 - Muito bom; 5 - Ótimo

A MALVADA

(All About Eve — Fox)

CREDENCIADO com vários prêmios da Academia, inclusíve sendo classificado como «o melhor filme do ano», era lícito que se esperasse dêsse filme um grande espetáculo. E, realmente, isso acontece. «A Malvada» relata-nos a história da jovem Eve, que, cheia de ambições, tem talento suficiente para arrebatar o prêmio máximo de interpretação no teatro. Tudo em sua vida, desde a sua infância, convergia para a cena. E ela não poupava os meios mais sórdidos para alcançar seu objetivo. Dominada por um impulso quase mórbido, ela colocava o seu «eu» acima de qualquer circunstância, ainda que isso pudesse prejudicar a terceiros. O filme tem início durante a solenidade para a entrega do prêmio. Estão presentes várias celebridades do mundo teatral, incluindo o crítico Addison De Witts que muito conhecia de sua vida, tendo mesmo privado com ela. No momento exato em que a estatueta lhe é entregue, a cena detém-se — e é o crítico de Witts quem faz a narrativa, apresentando tôdas aquelas figuras ilustres. Daí em diante, é Karen, espôsa de um diretor teatral, quem toma a palavra, para explicar-nos «como» Eve Harrington arrebatou o prêmio. A história é realmente fascinante. E pelo processo do «flasch-back» surgem as cenas diante de nossos olhos, relatando-nos, minuciosamente, tôda a sua carreira, tôda a sua fôrça, tôda a sua mocidade, todo o vigor de seu talento, a sua argúcia, a serviço de concretizar um sonho que transforma-se, finalmente, em realidade — uma realidade crua, chocante, por vêzes revoltante mesmo. Mas ali está o troféu, em suas mãos. E isso representa tudo para ela. Vê-se embuida de uma nova personalidade, a mesma personalidade que reveste a alma do artista célebre, como Margo Channing, quando lhe foi apresentada pela primeira vez, e como ela viria a assumir, mais tarde, diante daquela jovem, diretora de um clube de fãs.

Em tôda a obra, o mais importante talvez seja a cenarização e a direção de Joseph L. Mankiewicz (2 «Oscars» merecidos). O filme adquire, em sua forma geral, um tom de sátira — ao mesmo tempo que se limita a focalizar todo o ambiente teatral sem rodeios. Nutrido de um diálogo de primeira linha, embora abundante (não há frase sequer que possa ser retirada), as palavras são medidas, pensadas. As frases são curtas, diretas, porém providas de conteúdo. Embora não cheguem a dominar as situações, os diálogos são, em parte, grande fôrça dêsse espetáculo, onde o maior mérito cabe à direção de Mankiewicz — indiscutìvelmente um dos grandes «metteur-en-scene» do cinema contemporâneo. Tanto na adaptação como na direção, Mankiewicz constrói os personagens: uma coisa completa a outra. E os tipos parecem vivos, reais, soltos no palco da vida, onde se desenrola o verdadeiro drama dos seus artistas, à margem dos bastidores, atrás da cortina onde se desenrolam os dramas de ficção, os dramas do «faz de conta». Mankiewicz, obtém, assim, um retrato fiél do ambiente teatral. E, pensando bem, sua história não abrange apenas o mundo da ribalta, senão o mundo de tôdas as artes onde se conferem prêmios. As solenidades da entrega, os sorrisos, os abraços, escondem, muita vez, senão sempre, a verdadeira história do sucesso, o verdadeiro enredo que trouxe a glória.

Será difícil, senão impossível, destacar qualquer elemento na interpretação do filme. Tão bem casados estão os atores com as personagens criadas, que seria arriscado uma tentativa de classificação por mérito. Bette Davis, vivendo Margo Channing, demonstra que ainda está em plena forma e que talento não envelhece, antes, aperfeiçoa-se cada vez mais. Forte candidata ao «Oscar», perdeu-o para Judy Holliday, intérprete de «Born Yesterday» (ainda não exibido entre nós). Sua Margo Channing entretanto, figurará ao lado das grandes interpretações de sua carreira, quiçá, do cinema. Anne Baxter, como Eve Harrington, está excelente, confirmando suas possibilidades de grande atriz dramática. George Sanders interpreta o crítico Addison De Witt, e não nos lembramos nenhuma vez do ator, mas sim da personagem, que toma forma e vulto diante de nossos olhos, com suas frases cínicas, cruéis, que não parecem ter sido escritas por outro, senão ditas por êle próprio, tal a sinceridade e a convicção com que as pronuncia. Bem merecido, portanto, o troféu que lhe coube por êsse trabalho, como o melhor coadjuvante do ano. Celeste Holm, Hugh Marlowe, Thelma Ritter, Gary Merril e Marilyn Monroe, corretos, graças não só ao talento que realmente possuem, como à direção segura de Joseph L. Mankiewicz — o dono absoluto do filme e graças ao qual resultou numa das melhores e mais inteligentes fitas do ano.

Cotação artística: 4 **Cotação comercial: 3,1/2**

OS APUROS DE UM ANJO

(For Heaven's Sake — Fox)

Mr. Belvedere (Cliffton Webb) transforma-se em Anjo e desce à terra, acompanhado de Edmund Gwenn — outro anjo. Mas acontece que Webb toma forma de gente, a fim de solucionar, com maior facilidade, um «caso» entre os humanos — As brigas constantes entre o casal Robert Cummings e Joan Bennett. Não é esta a primeira vez que o cinema, especialmente o norte-americano, aborda tais assuntos. Tampouco será a última. Mas o que é incontestável é que esta fita não está entre as piores do gênero, coloca-se, fàcilmente, entre as mais fracas. Faltou sabor e originalidade que certamente poderiam ser melhor explorados pelo cenarista e pelo diretor. Embora provido de um bom elenco, George Seatn não imprimiu a necessária direção ao filme, obtendo um resultado vulgar, uma fitinha bem medíocre — embora em alguns trechos nos tire alguns sorrisos.

Cotação artística: 1,1/2 - Cotação comercial: 2,1/2

TRAPALHADAS DO HAROLDO

(Mad Wednesday — R.K.O.)

Embora com a assinatura de Preston Sturges na direção, marcando a volta de um dos maiores cômicos do cinema — Harold Lloyd, essas trapalhadas do Haroldo são bem fraquinhas, convenhamos. E' bem possível que o filme tenha melhorado no fim (saimos pouco depois da metade), mas, mesmo admitindo-se essa hipótese, é intolerável o que nos foi dado assistir, salvo as primeiras cenas, aliás extraídas de «O Calouro», um dos filmes de Harold, em 1923. Película cansativa, repleta de diálogos sem sabor, cenarização fraca, Sturges deve ter feito muita fôrça para conseguir alguma coisa. Mas não consegue nada. E se Harold Lloyd quiser se reabilitar que faça ràpidamente outra fita. Ou que sáia do cinema. Ou que mude de gênero.

Cotação artística: 1 - Cotação comercial: 2

AGORA SOU TUA

(To Please a Lady — Metro)

Gable é nessa fita um corredor audacioso, conquistando prêmios em corridas de automóvel. Stanwyck é uma colunista poderosa que, um belo dia, fica «de marcação» com o az do volante. Mas, como não podia deixar de ser, vem a conhecê-lo e... (advinharam?) nasce um romance entre ambos. Adolphe Menjou, Will Greer, Roland Winters e Frank Jenks tomam parte. Clarence Brown manobra tudo com habilidade, mas não pode fazer mais do que a história exige. Fotografia comum, música comum. Algumas cenas de corridas são bem feitas, mas perdem tudo diante da narrativa em português, por um péssimo locutor de jornais, e não por um locutor esportivo — o que é muito diferente. Todo o entusiasmo da platéia (do filme) se perde diante da narrativa, quase em câmara lenta, do tal narrador — que não acompanha o ritmo e a velocidade exigidas pelas cenas. Enfim...

Cotação artística: 1,1/2 - Cotação comercial: 2,1/2

POR UM AMOR

(Right Cross — Metro)

Ingredientes: Ricardo Montalban, June Allyson, Dick Powell, Lionel Barrymore. Colocar tudo no liquificador, com duas gramas de box no início e duas no fim. Enquanto esquenta, sapecar algumas gramas de pseudo amor. John Sturges é quem liga a tomada. Depois de pronto, saborear de duas em duas horas, segundo prescrição do Leão da Metro. Particularmente, como cobáias que servimos para o grande público, confessamos que êsse preparado não produz efeito algum. Nem sequer refresca o espírito. Enfim, voilá...

Cotação artística: 2 — Cotação comercial: 2,1/2

A ILHA DO TESOURO

(Theasure Island — R.K.O.)

Primeira produção de Disney com elementos exclusivamente humanos, sem desenho. Rodado na Inglaterra, com Bob Driscoll e Robert Newton nos papéis centrais, essa novela de Robert Louis Stevenson é mais destinada a crianças de 14 anos do que outra coisa. Bem feita, bem montada, bem fotografada e bem colorida e, bem, bem, bem — mas é melhor que Disney volte aos desenhos como «Fantasia», «Branca de Neve» e «Música Maestro» Okay, Disney?

Cotação artística: 1,1/2 — Cotação comercial: 3

DISCOS

De FRANKIE



ANDY RUSSELL
Sempre em forma



MARY GONÇALVES
Estréia promissora

NEUSA MARIA

Murmúrios (samba canção) — Cotação: 4
Eu sei que êle chora (baião) — Cotação: 3

★ Com uma vozinha doce, agradável e com muito sentimento. Neuza Maria revela-se uma de nossas melhores intérpretes de samba-canção. «Murmúrio», que a Capitol acaba de fixar na cêra, de autoria de Regina Célia e João Pinto, teve um delicioso arranjo de Lyrio Panicali, sendo interpretado por seu conjunto. E' um ritmo gostoso, que embala a gente, e que nos faz aplaudir, mais e mais, a vocalista Neusa Maria.

★ A outra face dêsse disco — «Eu Sei que êle Chora» — é um baião também destinado a sucesso. Destaca-se, antes de tudo, as inflexões gostosas de Neusa Maria. A garôta tem de fato, muita malícia na voz. E sabe explorá-la.

MARY GONÇALVES

Penso em você (samba-canção) — Cotação: 3
Só eu sei (samba-canção) — Cotação: 2

★ Mary Gonçalves faz sua estréia na cêra. Voz agradável, apresenta um estilo novo que pode e deve ser cultivado com mais carinho. A pequena tem bossa e, se quizer, pode ir longe. «Penso em você», de Paulo Soledade e Fernando Lôbo, é uma melodia agradável, executada por Lyrio Panicali e seu conjunto de «boite». Algumas falhas na voz de Mary, em alguns trechos, não lhe permitem uma execução cem por cento. Contudo, notam-se qualidades na nova intérprete.

★ «Só eu sei», a outra face do disco, é de autoria da mesma dupla. Mary adquire, em alguns momentos, nuances admiráveis. Deve, contudo, evitar os sons graves. Tem boa dicção, e boa voz. Aguardemos seus próximo disco.

OS COPACABANA

Wabash Blue (Fox-Blue) — Cotação: 4
Three Little Words (Fox-Trot) — Cotação: 2.

★ A música popular norte-americana tem, sem dúvida algumas, grandes adeptos no Brasil. E ninguém melhor do que os brasileiros para sentir e interpretar qualquer ritmo de qualquer país. Os Copacabana nos dão um bom exemplo do que afirmamos, interpretando, com seu pequeno conjunto, o fox de Dave Ringle e Fred Meinken — «Wabash Blues». Gagliardi, no trombone, faz misérias, num canto dolente e suave. Temos ainda: Wagner, no Piston; Quincas, sax-tenor; Kuntz (arranjador), no clarinete; Hugo, bateria; Juvenal, baixo, e Marinho, piano. A execução merece aplausos. Bem coordenação e bem ritmada.

★ A outra face, com a melodia que dá título ao filme «Trés palavrinhas», é sofrível. Destaque-se, porém, a atuação da vocalista Elda Mayda. Boa voz e boa dicção. A garôta tem futuro, no gênero.

Correspondência para:
FRANKIE
Seção: Discos
Redação de A CENA
Rua Visconde Maranguape, 15
RIO DE JANEIRO.

GUIA DAS MÃES, DO DR. WITTROCK

Livro indispensável na criação dos bebês. O grande Coelho Neto escreveu: "Êste livro à cabeceira das mães será um escudo de proteção para os filhos".
Acaba de saír a 11.ª edição — Prêço: Cr$ 60,00

Pedidos para o interior à
LIVRARIA FRANCISCO ALVES
RUA DO OUVIDOR, 166 — RIO DE JANEIRO

JOHNNY . . .

(Cont. da pág. 19)

tive Girl), que veremos muito breve.

Fora da tela Johnny usa sempre roupas esportivas e "tweed". Detesta trajes formais e ainda está para nascer quem o obrigue a vestir uma casaca... Gosta de jogar "gin rummy" e "bridge" entre os intervalos de filmagem e, quando não está trabalhando... nada!

Johnny Weissmuller está casado com Allene Gates, uma garôta que já foi campeã amadora de gôlfe. O casal vive feliz em Beverly Hills.

ANTOLOGIA DOS...

(Cont. da pág. 14)

o filme permanece monótono, muito artificial, confinado ao puro teatralismo, sem qualquer possibilidade, a não ser, aqui e ali, um instante de maior comicidade. O diretor teve que enfrentar o problema muito grave da transposição dêsse teatro para o cinema. Teatro, primeiramente, sem substância cômica real, vivendo do movimento, de cena, do humorismo da época e do arranjo das situações. Teatro, sobretudo, feito sem qualquer sentido de cinema, o que não acontece com o teatro moderno, já construído sob a influência da ação cinematográfica, pelo menos contemporâneo da técnica de cinema e, portanto, mais próximo do filme. Não nos venham objetar com o teatro de Shakespeare, porque, então, teremos que ingressar no pernosticismo, declarando que não há nada mais moderno, em teatro, do que Shakespeare, cujas peças têm cinema, muito cinema, além de que suas transposições, realizadas por Olivier, se conservam no domínio do teatro cinematográfico, finalmente havendo a diferença de ser, o seu, um teatro de substância. E, neste caso, Autant-Lara não conseguiu fazer mais do que "vaudeville" cinematografado — e não cinematográfico, pois, neste filme, o cinema é apenas um "veículo" da peça e não o novo "meio" para o assunto.

(*"O Globo"*, 30 *de dezembro de* 1950.

Senhora!
Na toilette diária nunca deve ser esquecida a sua
HIGIENE ÍNTIMA

Metrolina

ANTISSÉPTICO
ADSTRINGENTE
BACTERICIDA

Melodias para você

TENHO CIÚMES

Samba-canção de René Bittencourt. — Gravação de Orlando Silva

Tenho ciúme
Da brisa fresca da praia
Que vem beijar tua saia,
Que vem teu corpo abraçar...
Tenho ciúme
Da chuva quando te molha,
Da lua quando te olha
Pelos clarões do luar.

Tenho ciúme
Do teu olhar que incendeia,
De tudo que te rodeia,
De tudo... tudo que é teu.
Terei ciúme
Até se fores à igreja
Pedir a Deus que proteja
Alguém que não seja eu.

Sei que tu sofres,
Que meu amor te maltrata,
Que meu ciúme te mata
E é meu eterno calvário...
Mas, te confesso
No auge do meu queixume:
Eu só não tenho ciúme,
Do Cristo do teu rosário.

★

XANDUZINHA

Baião de Humberto Teixeira e Luis Gonzaga

O caboclo Marcolino
Tinha oito bois Zebu
Uma casa com varanda
Dando pro Norte, pro Sul
Seu paiol tava cheinho
De feijão e de andu
Sem contar mais uns cobres
Lá no fundo do baú
Marcolino dava tudo
Por um cheiro de Xandu

Ai Xanduzinha,
Xanduzinha, minha flor
Como foi que você deixou
Tanta riqueza pelo meu amor.
Ai Xanduzinha,
Xanduzinha, meu xodó
Eu sou pobre, mas você sabe
Que o meu amor
Vale mais que ouro em pó.

★

NÃO INTERESSA, NÃO

Baião de Luis Bittencourt e José Meneses — Gravação de José Meneses e côro

Prá onde vai Mané
Eu vou pró Cariri
Não vai, não vai, Mané
Não fico mais aqui.

Qué que tem lá, Mané
Tem minha criação
Tu dexa lá, Mané
Não posso dexá, não.

Côro

Vou mimbora, vou mimbora
Vou pró meu sertão
O que é meu tá tudo lá
Não fico aqui, não.

Qué que tem mais por lá
Tem terra prá plantar
Dá milho, dá feijão
Dá tudo o que é bão.

Teu rancho dá prá dois
E' só querê ficá
Não deixo prá depois
Então vai se arrumar.

Côro

Si tu diz que vai imbora
Tem que me levá
Vou viver no teu ranchinho
Lá no Ceará.

Vamo imbora, vamo imbora
Vamo pró sertão
Pois a vida da cidade
Não interessa, não...

O Cartaz do Momento



Ivon Curr

OBRIGADO

Samba-canção de Ivon Curi. — Gravado pelo autor

Pelos momentos felizes
Que passei a teu lado
Hm...
OBRIGADO

Pelos sorrisos tão falsos
Que tinhas me dedicado
Hm... Hm...
OBRIGADO

Obrigado, muito obrigado
Pela lição
De que a ninguém se deve dar
O coração.

Seja florida tua estrada
Nunca volte ao meu lado
Adeus amor
OBRIGADO.

A PEDIDOS

MENTIRAS DE AMOR

Samba-canção de Gustavo de Carvalho e Lourival Faissal. — Gravação de Dalva de Oliveira

Querem saber afinal qual a so-
[lução.
Querem saber o final daquela pai-
[xão.
Daquele grande amor que a todos
[interessou...
Querem saber qual o fim da nossa
[união já que o tempo passou...

Então lhes digo a sorrir que meu
[coração
Que palpitava por ti todo em
[afeição,
Hoje outro ocupa o lugar que o teu
[amor ocupou
Já que entre nós nada existe e
[nada nos une, nosso amor ter-
[minou.

Tudo mentira,
O meu sorrir não condiz
Com meu viver isolado e tristonho
Sou muito infeliz.

Tudo mentira eu bem sei sempre
[te adorei.
Indiferente hoje estou aparente-
[mente,
Passo por ti sem olhar
Deus testemunha é, porém,
Que a vontade maior que meu
[peito oprime
E' te abraçar, te beijar...

CORRESPONDENCIA

SUZANA (Pôrto Alegre) — Teremos o máximo prazer em atender o seu pedido. aguarde um pouco.

★

SYLVIO DA GLIUCA (Pereira Barreto) — «Vívere» já foi publicada há muito tempo nesta seção; quanto a «Balalaika» em italiano faremos o possível para arranjar.

★

CYBELE MARIA OLIVEIRA — Aguarde a publicação de «All My Love»; vamos vêr se conseguimos a letra de «Three o'clock in the morning». Volte a escrever-nos.

★

ANAMARIA, ANTONIO SANTOS, MARLENE SOUZA, MARILU (Rio) — Atendendo ao pedido de vocês publicamos hoje a letra de «Mentira de Amor» da Dalva de Oliveira. O.K?

ARQUIVO DE BROOKLYN JACK



SUZY DELAIR

ESSA deliciosa Suzy Delair, ex-espôsa do diretor Clouzot, e uma das mulheres mais terrivelmente sedutoras do atual cinema francês, é, ao que parece, parisiense, e venceu muito ràpidamente a estrada do estrelato. Apareceu primeiramente em «Estranha Coincidência» e a sua atuação levou-a a coisas mais sérias: «Crime em Paris», por exemplo, que lhe garantiu nome e popularidade. Em seguida fêz um filmezinho inédito no Brasil: «Pas la fenêtre». Agora vamos vê-la em «Loucura de uma época», ao lado de Louis Jouvet, o galã de seus dois primeiros filmes, e «Mulher Cobiçada», com Fernand Ledoux e Paul Bernard, filmes distribuidos pela Art-Films nesta temporada. E vamos ver como Suzi Delair progrediu: em beleza e no cultivo do seu talento tanto para a comédia musicada (que pernas e que voz!) como para o drama (no papel de mulher fatal de corpo ofuscante!)



MICHAEL RENNIE

RELATIVAMENTE novo, Michael Rennie como ator do cinema americano, tendo aparecido até agora sòmente em «Rosa Negra», êle acaba de terminar nos estúdios da Fox a versão ianque de «Le corbeau» (Sombra do Pavor), de Clouzot, agora dirigida por Otto Preminger e, de quebra, intitulada «The 13th Letter», com Linda Darnell e Charles Boyer nos outros papéis. Ésse jovem bonitão e talentoso veio dos estúdios britânicos e canadenses. Conheceu os americanos durante a guerra, pois atuou na RAF. Agora é astro internacional, depois de ter aparecido em doze películas britânicas, sem resultado. Gostaria de fazer um filme de aventuras no Oeste, aprecia gente que tem habilidades musicais, toca clarinete e saxofone e é muito vaidoso no que toca a roupas. No momento representa com Tyrone Power, no palco, em Londres, mas espera retornar breve a Hollywood, Calif., U.S.A. Galã romântico do tipo que as mulheres gostam, com uma grande carreira pela frente.



RODOLFO MAYER

BRASILEIRO, no duro! No palco «As mãos de Euridice» foi o seu recorde! No cinema, onde já estêve de «visita» várias vêzes, e num período nunca menor do que quinze a contar de hoje, para trás, Rodolfo Mayer, figura máscula de sujeito simpático, e sobretudo inteligente, educado, fez o seu primeiro papel em «A Inconfidência Mineira» (Tiradentes), a inesquecível realização de Carmen Santos que levou treze anos para ser lançada! Depois andou fazendo coisinhas menores e maiores: «Onde estás, felicidade?», «Obrigado, doutor!», «O Homem que Passa». E Rodolfo viu o seu prestígio aumentado entre brôtos e balzaquianas, com muita justiça. E' um ator acima de tudo de grande consciência profissional, de espírito auto-crítico bem apurado. Sabe como atuar: e não tem presunção de certos galãzinhos baratos que andam por aí, sem talento e sem estampa, sem nada de aproveitável. Rodolfo Mayer merece a nossa admiração e a nossa cordial simpatia. E se merece isso é porque vale alguma coisa.



ROSALIND RUSSELL

NASCEU em Waterbury, Connecticut, Estados-Unidos da América, a 4 de junho de 1912. Tem 1,70m. de altura e pesa cêrca de 65 quilos. E' uma das boas estrêlas americanas. Em Hollywood desde 1934 tendo feito, pela ordem, de então até hoje: «Estratégia de Mulher» e «Quando o diabo atiça» (1934); «Cadetes do Ar», «Chantage», «O Mistério do Cassino», «Mares da China» e «Tentação dos Outros» (1935); «A Lei do Destino», «Sob duas bandeiras», «O Clube dos Suicidas» e «Mulher sem Alma» (1936); «A Noite tudo encobre», «Vive, ama e aprende», «Amor de ida e volta» (1937); «Amando sem saber» e «A Cidadela» (1938); «Um susto por minuto» e «As mulheres» 1939); «Jejum de Amor», «Espôsa Emprestada», «A vida é uma comédia», «Isto é amor» (1940); «Uma aventura no Oriente», «Ciume não é pecado», «Quando Eva consente» (1941); «Ela e o secretário», «Solteiras às soltas» (1942); «Perigosa aventura» (1943); «O preço da felicidade» (1944); «Chamam a isto amor», «Sacrifício de uma vida» (1945); «Tormento» (1946); «Conflito de Paixões» (1947); «A última noite de glória» (1948); «Loucuras de amor» (1949); «A dama sem coração» (1950). Rosalind Russel já atuou nos estúdios da Metro, Universal-Iiternational, 20th Century-Fox, Colúmbia Pictures, Warner Bros., RKO Rádio e Paramount Pictures, mas atualmente está contratada pela Colúmbia. Seus galãs, nestes 17 anos foram: George Brent, Clark Gable, Robert Montgomery, William Powell, Tyrone Power, Robert Taylor, Robert Young, Tom Brown, George Raft, Ronald Colman, John Boles, Errol Flynn, Patric Knowles, Robert Donat, Cary Grant, Brian Aherne, James Stewart, Melvyn Douglas, Walter Pidgeon, Fred MacMurray, Don Terry, Jack Carson, Alexander Knox, Dean Jagger, Lee Bown, Michael Redgrave, Raymond Massey, Leo Genn, Robert Cummings e Ray Milland.



OSWALDO DA CUNHA

FALANDO DE MUSICA

FIQUE SABENDO QUE... a primeira sonata escrita por Beethoven, com técnica marcadamente pianística e a indicação expressa de ser destinada ao piano de martelos, data de 1818.

... o piano ou "piano de martelos" foi inventado em 1709 pelo italiano Bartolomeu Cristofon, em Florença, e aperfeiçoado em 1823 pelo fabricante francês Sebastião Erard.

... nunca artista algum teve, como Lizst, a possibilidade de traduzir, com a mesma perfeição, a graça, a profundeza, a fôrça, o humano e o ideal. Todos os autores — de Bach a Mozart, de Beethoven a Chopin ou Wagner — lhe eram familiares, não tendo especialidade em estilos, porque em todos êles se mostrava igualmente genial.

... a grande revolução musical de Debussy, que faz dêle o antepassado de todos os músicos verdadeiramente modernos do nosso tempo, constituiu na ruptura da harmonia funcional pelo paralelismo dos acordes.

... Frederic Chopin deve ser considerado o tipo ideal do compositor romântico, essencialmente expressivo e expansivo, fazendo cantar o piano, empregando com freqüência o "rubato" ou alteração do andamento para fins românticos.

... o "ricercare", como se depreende da palavra italiana, que significa "procurar", é uma forma instrumental polifônica em que vários temas, entrando sucessivamente, como que se procuram, imitando-se: é, portanto, uma fuga com vários temas.

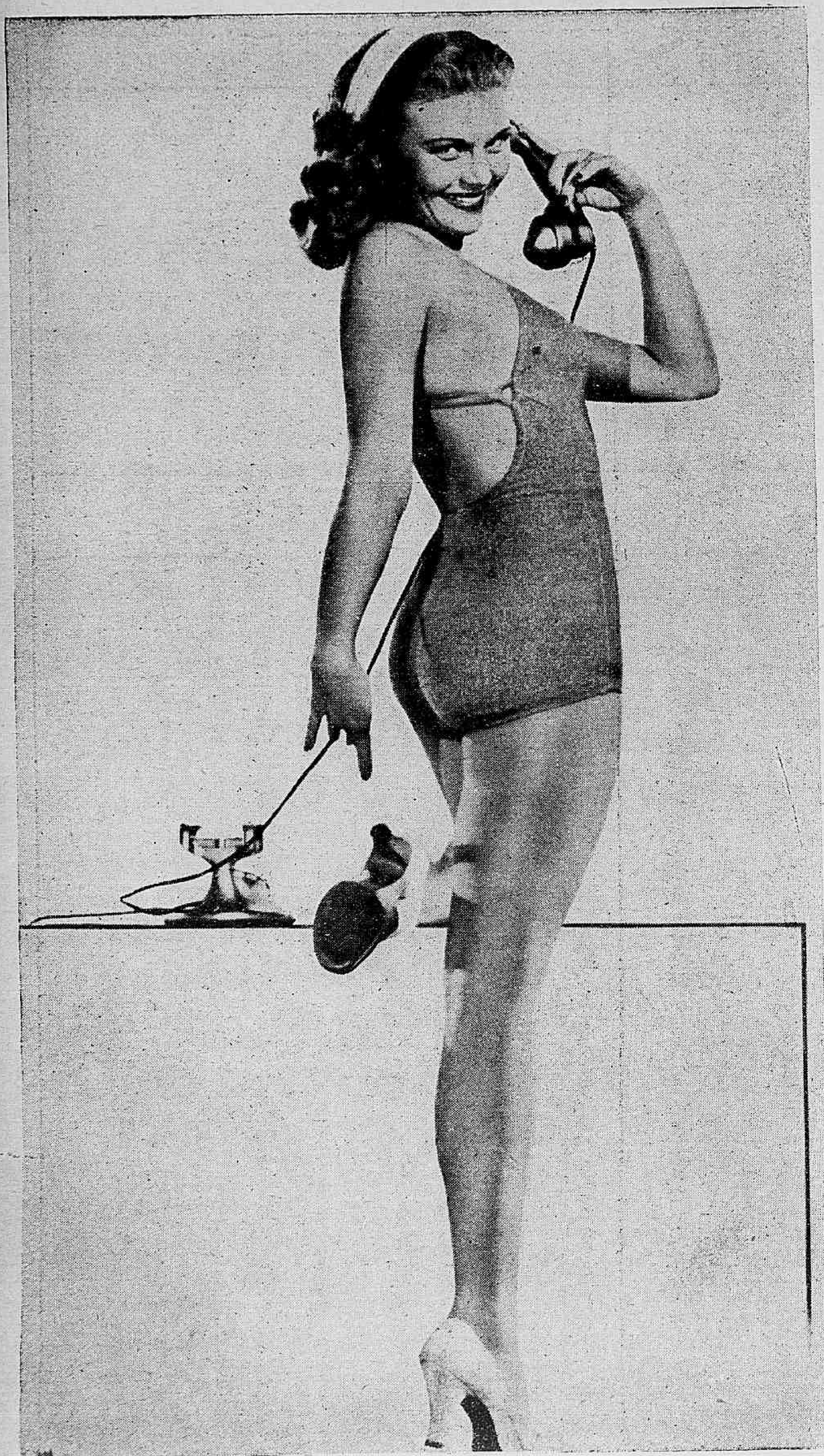
NOTICIÁRIO



Yeudi Mennhin, o mundialmente famoso violinista, interpreta em «Violino Mágico», um filme sôbre a vida de Paganini, a figura do grande compositor e «virtuose», denominado pelos seus contemporâneos de «violinista do diabo», dada a assombrosa técnica e milagrosa agilidade dos dedos de que era possuidor e também devido a sua estranha e lúgubre figura.

A MÚSICA NA HOLANDA — Sob o título de «Um século de música holandesa», apareceu em Amsterdam um livro de autoria do Prof. Eduardo Reeser, o qual vem despertando grande interêsse nos circulos musicais e artísticos do país. O Prof. Reeser leciona História da Música na Universidade de Utrecht. Entre suas publicações mais importantes acha-se o trabalho sôbre a vida e as obras do compositor holandês Alphons Diepenbrock (1862-1921), assunto em que sua autoridade é relevante. — Vem desenvolvendo grande atividade na Holanda a Fundação «Nossa Música Ligeira», cujos objetivos são os de levantar o padrão da música ligeira holandesa. A Fundação acaba de organizar uma reunião intitulada «Os Alegres Sons de 1950», com a cooperação dos mais destacados artistas holandeses no gênero. O Prêmio de 1949 da Música Ligeira coube ao compositor Guss Jansen pela canção «Dar waar de molens ataan» («Onde o moinho gira e gira») letra de Frans du Mée, pelos característicos típicos da composição ★ PIANISTA JAMILE KARAM — Depois de uma ausência de mais de três anos, acaba de regressar ao Brasil a pianista patrícia Jamile Karam. Sua primeira apresentação pública em nossa terra, após o regresso, realizou-se no no dia 2 de abril p.p. no salão do Círculo Militar do Paraná, em Curitiba, sob o patrocínio dêsse Círculo e da Sociedade de Cultura Artística Brasilio Itiberê. O recital obedeceu ao seguinte programa: — Bach — «Concêrto Italiano»; Mozart — «Sonata em Lá», «Andante Graciozo» (Tema e variações), «Minueta», «Allegretto» (Marcha turca); II — Schumann — «Carnaval de Viena»; «Allegro», «Romance», «Scherzino», «Intermezzo», «Finale»; III — Debussy, «Soirée dans Grenade»; Fauré — «Improviso»; Proksfielb, prelúdio mignone «Valsa de Esquina»; Vila Lôbos — «A Maré Encheu», «Impressões Seresteiras», «Na corda da Viola». A pianista Jamile Karam, que é natural de Curitiba, fez seu curso de piano na Academia de Música do Paraná e em 1946 veio para o Rio, a fim de se aperfeiçoar. Aqui, em 1947, foi convidada a encerrar a temporada artística dos «Valores Novos», organizada pela ABI, e, no mesmo ano, tendo recebido do govêrno francês uma bôlsa de estudos, seguiu para Paris, onde permaneceu mais de três anos, visitando, igualmente, durante êsse tempo, vários países europeus. Jamile Karam, em nossa terra, já deu recitais em Curitiba, no Rio, Pôrto Alegre, Florianópolis, Joinvile, Guaratinguetá, Paranaguá e outras cidades.

Pausa para meditação



JOAN CAUFIELD — (Paramount)

A opinião alheia

«Tenha o govêrno fôrça para extinguir o «trust» vergonhoso, que vem retardando o nosso progresso de realizações cinematográficas, e, então, verificará a existência de uma renda até agora desconhecida. O mais é balela: é jornal com medo de perder o anúncio diário de dez casas de diversões...»

PAULO CLETO («A Tribuna»)

★

«Os quatro grandes grupos que dominam a exibição no território nacional só se limitam a cumprir a obrigatoriedade exibindo o mínimo estipulado pela lei, que prevê o lançamento apenas nos primeiros circuitos das capitais. O lucro auferido numa única semana, num grupo, num grupo diminuto de salas e ante uma platéia mais exigente, é mínimo; deduzidas as pesadas obrigações que caem sôbre o produtor, o resultado é irrisório. Para haver possibilidade de compensação seria necessário o lançamento nos cinemas de segunda linha e nas salas do interior porém ocorre que o «trust» domina a distribuição em todo o território nacional, controlando os pequenos consumidores sob a ameaça de impedir que qualquer película, mesmo as de procedência estrangeira, chegue às suas mãos. Dominando por tais processos todo o amplo mercado da exibição, os grupos monopolísticos só aceitam filmes brasileiros — inclusive aquêles que são um seguro sucesso de bilheteria — mediante preços ridículos, pagos ao produtor à base de locação e não de percentagem na renda da bilheteria. Ao produtor, que arca com os maiores riscos do empreendimento, restará apenas uma alternativa — a abjuração «voluntária»: ou aceita as condições impostas (que não lhe dará nunca oportunidade de cobrir seus gastos) ou perder até a «chance» de um lucro diminuto e insuficiente».

DÉCIO VIEIRA OTTONI («Diário Carioca»).

★

«E ainda há quem se oponha à regulamentação do cinema nacional e à criação de escolas para diretores, cenaristas, atores, etc., num Instituto de Cinema dirigido por Cavalcanti. Filmes como os quatro supracitados (Mãe, O Homem que Passa, Obrigado Doutor, Anjo do Lodo), colocam o cinema brasileiro numa situação irretorquivelmente ridícula e lamentável».

MONIZ VIANA («Correio da Manhã»).

★

«Protegido por lei, o «complemento» passou a ser obrigatório, — fatalidade dos programas, nem sempre bem aceito pelo público, nem sempre bem aceito pelo exibidor. Matizou-o logo uma suspeita de publicidade disfarçada, veículo esplendido de divulgação a serviço de certas campanhas e até mesmo de certos negócios. Todavia, nesse período expressivo de experiência, ao longo da obrigatoriedade, que conta com muitos anos, o «complemento», apesar dos pesares, se tornou uma pequenina e proveitosa escola de cinema: muito operador progrediu à sua custa, muito técnico se apurou na sua elaboração, muito laboratório se nutriu das suas encomendas. No gênero, o cinema brasileiro andou, e, dos «complementos» tremidos e monótonos dos primeiros tempos chegamos a alguns indiscutivelmente primorosos. Estamos ganhando a batalha nesse setor».

C.K. («A Noite»).

O MAIS BELO ORNAMENTO DE RESIDÊNCIA

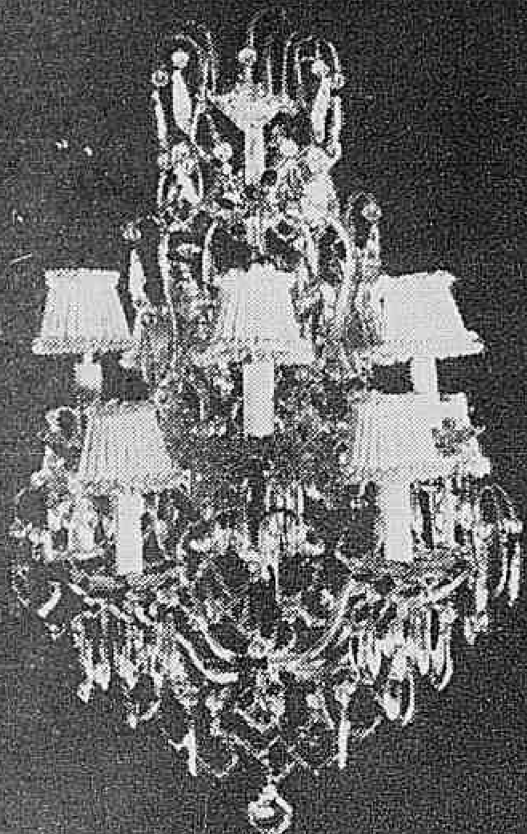
ESCOLHIDO DA PRODUÇÃO DE 26 DAS MELHORES FÁBRICAS EUROPÉIAS

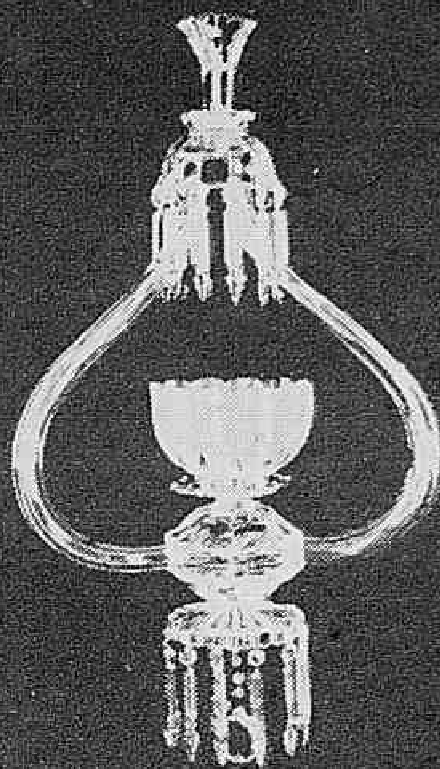
NILO RIBEIRO lhes oferece as seguintes vantagens:

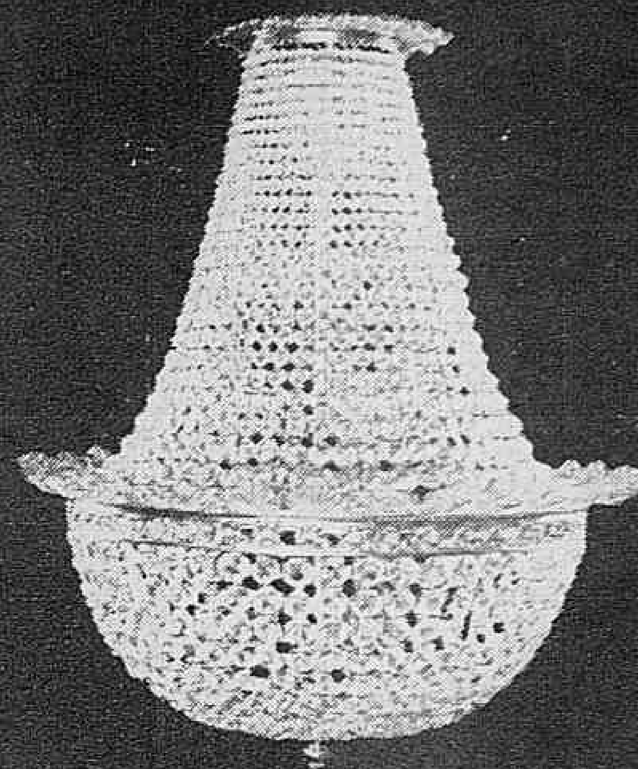
1.ª — Facilidade de pagamento e 30% de desconto.
2.ª — Vendas a varêjo por prêço de atacado por ser representante de 26 fábricas européias.
3.ª — Material de 1.ª qualidade.
4.ª — Transporte e colocação gratuita no Distrito Federal feita por profissionais especializados.
5.ª — Artistas decoradores para orientação na iluminação de sua residência.

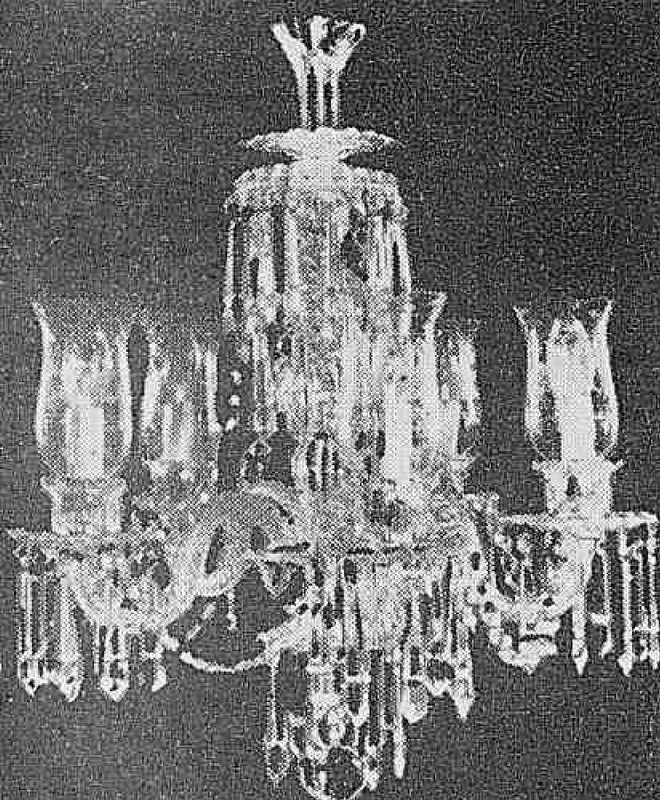
GALERIA SÃO PEDRO

AVENIDA PRINCESA ISABEL, 126-D (Junto do Tunel Novo) — Telefones: 37-1200 e 37-3428


1


2


3


4


5


6

ACABAM DE CHEGAR DA EUROPA 146 MODELOS DE LUSTRES, LANTERNAS, APLIQUES E CANDELABROS PARA TODOS OS ESTILOS, E PRÓPRIOS PARA APARTAMENTOS. — TAMANHOS ESPECIAIS PARA HALL DE EDIFÍCIOS, HOTÉIS, ETC.

Não compre sem visitar a exposição da GALERIA S. PEDRO onde encontrará a melhor mercadoria pelo menor prêço.

FACILITA-SE O PAGAMENTO ★ REMESSAS PELO REEMBOLSO POSTAL ★ EXPOSIÇÃO: DAS 8 ÀS 22 HORAS.

Conserve a sua pele limpa e macia...

SARDAS,
ESPINHAS
E
MANCHAS

GARANTIA DO LOSANGO

R. Paulino Guimarães 253 S. Paulo

Pomada
SÃO SEBASTIÃO

Pomada
SÃO SEBASTIÃO